

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**ROSANA MARIA SCHWERZ**

**ONDE VIVEM OS MONSTROS? FORMAÇÃO E SUBJETIVIDADE NO CURSO DE  
ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA**

**Florianópolis**

**2016**

**ROSANA MARIA SCHWERZ**

**ONDE VIVEM OS MONSTROS? FORMAÇÃO E SUBJETIVIDADE NO CURSO  
DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola vinculado ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Orientadora: Profa. Dra. Mara Coelho de Souza Lago

**Florianópolis**

**2016**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Schwerz, Rosana Maria

Onde vivem os monstros? : Formação e subjetividade no curso de especialização em gênero e diversidade na escola / Rosana Maria Schwerz ; orientadora, Mara Coelho de Souza Lago - Florianópolis, SC, 2016.

65 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Especialização em gênero e diversidade na escola.

Inclui referências

1. Gênero e diversidade na escola. 3. Psicologia. 4. Subjetividade. 5. Professores. I. Lago, Mara Coelho de Souza. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Especialização em gênero e diversidade na escola. III. Título.

ROSANA MARIA SCHWERZ

**ONDE VIVEM OS MONSTROS? FORMAÇÃO E SUBJETIVIDADE NO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para  
obtenção do título de Especialista em  
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Aprovado em 09 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:

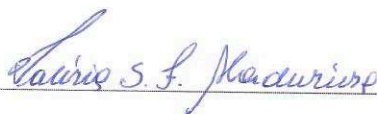


Olga/Regina Zigelli Garcia

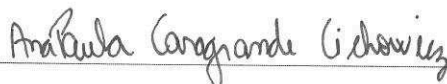
Banca Examinadora:



Camila Sissa Antunes



Valeria Silvana Faganello Madureira



Ana Paula Casagrande Cichowicz

*Ao casal de agricultores, que com humildade e persistência me ensinaram o valor do trabalho, a importância do conhecimento, e a capacidade de amar. Obrigado pai e mãe!*

## AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento é para aquele que, em meio a todo tradicionalismo e conservadorismo, sempre educou sua filha nos ideais de liberdade e independência, ao homem que com sucesso me ajudou a ser uma mulher feminista, feminina. A meu pai, Almir Schwerz, que sempre incentivou a persistência, a força e o enfrentamento dos limites e barreiras sociais.

Agradeço em conjunto minha mãe, Dirlei T. Montag Schwerz, que sempre foi exemplo de trabalho e companheirismo, e meu irmão, Renato Schwerz, por me permitir ser seu exemplo e ajudar meus pais a guiá-lo. Família obrigada por, mesmo sem compreender meus estudos e trajetos, caminhar ao meu lado!

Agradeço ao grupo que compôs o GDE, professores, coordenadores, toda equipe, por nos possibilitarem esse curso, por construírem e serem a Especialização. Por nos ensinarem que não basta apenas conhecimento, o mundo precisa de intervenção, de posicionamento de gente que escapa às estruturas opressoras e fica do outro lado, segurando a porta aberta para outros passarem. A militância de vocês transformou a teoria dos livros em uma experiência sensível que nos atravessa e hoje nos compõe.

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate a fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vêm sendo extinguida e criminalizada por diversos setores

conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Agradeço à minha orientadora, Professora Mara Coelho de Souza Lago, por me acompanhar no trajeto final. Por me oferecer sua atenção e seus conhecimentos, sendo uma pessoa incrível e inspiradora. Sou imensamente grata pelo tempo que me ofereceu e por me acolher.

Agradeço aos Cursistas do Polo Concórdia por resistirem até o fim, e por aceitarem participar da minha pesquisa, pelo tempo curto, mas compartilhado, e por serem agora Especialistas, parceiras/os de luta.

Agradeço à Cláudia Moro, nossa tutora presencial, pela implicação, dedicação e disponibilidade, e por ser uma mulher inspiradora!

Por fim, agradeço meu companheiro, amigo e namorado, Vinícius de Almeida Peres. Pela parceria nas jornadas, pelos debates e diálogos, por ser um homem ímpar em cuidado e apoio, pela paciência e pelos abraços que aliviam e instigam a sempre prosseguir.

*A única finalidade aceitável das atividades humanas é a produção  
de uma subjetividade que enriqueça de modo contínuo sua relação  
com o mundo.  
(GUATARRI, 1992, p.33).*



## RESUMO

Gênero e educação vêm dialogando e se entrelaçando com a crescente demanda de formações acadêmicas e preparo dos sujeitos envolvidos diretamente nesse enlace, os educadores. Nesse cenário pode-se destacar o Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola (GDE). Promovido pelo Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina (IEG/UFSC), em parceria com a Secretaria de Políticas para Mulheres (SPM) e com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), o GDE é desenvolvido na modalidade Ensino a Distância (EaD), em alguns polos do estado de Santa Catarina, incluindo a cidade de Concórdia, onde a presente pesquisa foi realizada. Como referencial teórico deste TCC foram utilizadas discussões que refletem as relações de gênero e subjetividade no universo educacional. Como procedimentos metodológicos foram realizadas entrevistas em profundidade com cursistas do Polo Concórdia, para posterior reflexão sobre os elementos levantados pelos/as mesmos/as. Perceber se os sujeitos da pesquisa relataram reações/implicações subjetivas durante a realização do curso e se estas foram atribuídas por eles/as aos ensinamentos, discussões e leituras do GDE, foi objetivo desse trabalho. Essas reflexões se fazem relevantes para os campos de estudos de gênero, educação e psicologia, visto que ao sairmos do discurso concreto do como e o quê ensinar e problematizarmos quem ensina e os desafios que enfrenta, movemos o foco de atenção, que se encontra constantemente fixado sobre os/as alunos/as, para os sujeitos agenciadores desse educar, tomando suas questões como importantes e de necessário cuidado no processo de aprender-ensinar, especialmente quando esse envolve as categorias de gênero e diversidades.

Palavras-chave: Gênero, Diversidade, Subjetividade, Professores, Psicologia.

## **ABSTRACT**

Gender and education have been interacting and interlacing with the growing demand for academic and staging of the subjects directly involved in this binding, the educators. In this scenario it is highlighted the Specialization Course in Gender and Diversity in School (GDE). The course is sponsored by Institute for Gender Studies of the Federal University of Santa Catarina (IEG/UFSC), in partnership with the Bureau of Policies for Women (SPM) and the Bureau of Continuing Education, Literacy, Inclusion and Diversity (SECAD), the GDE is developed in the mode of Distance learning (EaD), in some poles of the Santa Catarina, including the city of Concórdia, where the present research was carried out. As theoretical framework was used in discussions that reflect the gender relations, and subjectivity in the educational universe. As methodological procedures, in-depth interviews with students were carried out at the Concórdia pole for further reflection on the elements raised by them. To understand whether the subject of the research reported reactions/subjective implications during the completion of the course, and if these have been assigned to them by the teachings, discussions and readings of the GDE, were the aim of this work. These reflections are relevant to the fields of gender studies, education and psychology, seen that when the students come out of the concrete speech of how and what to teach and question who teaches and the challenges he/she faces, the focus of attention is moved, which is constantly fixed on the students, to the people of this educates, by taking their issues as important and needed care in the learning-teaching process, especially when it involves the categories of gender and diversity.

**Keywords:** Gender, Diversity, Subjectivity, Teachers, Psychology.

## **LISTA DE GRÁFICOS**

<b>GRÁFICO 1 – TIPOS DE INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS .....</b>	<b>33</b>
<b>GRÁFICO 2 – TEMÁTICAS DE IMPACTO DEFINIDAS PELAS/O ENTREVISTADAS/O .....</b>	<b>37</b>

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

EaD – Educação à Distância.

EJA – Educação de Jovens e Adultos.

GDE – Gênero e Diversidade na Escola.

IEG – Instituto de Estudos de Gênero.

MEC – Ministério da Educação.

SC – Santa Catarina.

SECADI - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão.

SESC – Serviço Social do Comercio.

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso.

UAB – Universidade Aberta.

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2 MÉTODO .....</b>	<b>21</b>
<b>3 REFLETINDO SOBRE A PESQUISA.....</b>	<b>24</b>
<b>4 ATUAÇÃO E ESCOLHA .....</b>	<b>33</b>
<b>5 DIFICULDADES, RESISTÊNCIAS, PRECONCEITOS E TRANSFORMAÇÕES. 39</b>	
<b>6 REFLEXÕES SOBRE SUBJETIVIDADE: QUESTÕES SIMBÓLICAS E EMOCIONAIS .....</b>	<b>46</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>53</b>
<b>8 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>58</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>62</b>
APÊNDICE 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTAS .....	63
APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO .....	64

## 1 INTRODUÇÃO

Meu interesse pelos conteúdos de gênero e sexualidades iniciou no período da faculdade, a princípio de maneira pessoal por acompanhar os conflitos de amigos, colegas e até professores, que diariamente precisavam enfrentar preconceitos e julgamentos provenientes da ausência de conhecimento da sociedade sobre essas temáticas, de avaliações errôneas do seu comportamento, seus desejos e seus corpos. Ao longo da graduação o interesse foi se aprofundando devido às disciplinas específicas sobre os temas, e por atuar clinicamente com sujeitos que vivenciavam conflitos de gênero e identidade.

Após o término da graduação, com o início da vida profissional e com a mudança de cidade, essas temáticas passaram a tangenciar minha prática clínica, que se construía em um espaço social marcado por uma estrutura machista e conservadora, culminando atualmente em estudos que abordam diretamente temáticas como gênero, sexualidades, diversidades, raça, etnia, etc, e propõem reflexões acerca dos sujeitos socialmente marginalizados e segregados. A presente pesquisa é fruto dessa trajetória e da intenção de produzir uma prática horizontal, que abarque os sujeitos de forma plena, reforçando as famosas palavras do psicanalista Carl Gustav Jung (1991, p.112), “Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas quando tocares uma alma humana seja apenas outra alma humana”.

Para analisarmos um conceito, um fenômeno ou um comportamento com precisão, ou ao menos cuidado, é sempre imprescindível buscar sua construção e aplicação histórica, pois os marcos de tempo e espaço são por vezes determinantes no sentido e apropriação do termo. O enlace entre gênero e educação é um desses campos de estudo com vasta demanda de reflexão, porém “perigosos”, visto os conflitos que permeiam sua aproximação. A psicologia enquanto ciência interessada nos estudos da mente humana compõe um importante elo para reflexões e construções voltado às questões subjetivas emergentes no enlace entre educação, gênero e diversidades, formando assim o tripé que norteará as construções presentes nessa pesquisa.

As constantes lutas promovidas pelos movimentos sociais, assim como as pluralidades e diversidades humanas emergentes na sociedade atual possibilitam, bem como necessitam de um diálogo cada vez mais constante nesses campos, seja informalmente, promovendo a fala nos espaços escolares e sociais, como academicamente, através de pesquisas e formações específicas e promotoras de conhecimento com especificidades próprias ao tema. O curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola (GDE), realizado no período de março de

2015 até dezembro de 2016, ao qual este trabalho se destina como exercício final, é um importante exemplo de formação horizontal, pois visa passar os conceitos de forma plena a diferentes áreas, além de potencializar ações dentro do campo das diversidades.

O curso em GDE foi apresentado com conteúdos e propostas que oferecessem conhecimento teórico, mas também “potência” para o enfrentamento de violências de gênero, étnico-raciais, classe, e outras, abrangendo inicialmente, e preferencialmente, profissionais da educação. A Universidade Aberta do Brasil (UAB) ligada à SECADI, em parceria com a UFSC neste Curso de Especialização, possui polos presenciais em cinco diferentes cidades de Santa Catarina, percorrendo assim uma grande extensão do estado.

Como consta na apresentação do curso, disponível no site, “O aspecto fundamental que norteia o curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola é oferecer a profissionais da rede pública de Educação Básica, gestoras/es públicas/os atuando em políticas para mulheres e diversidade, membros de conselhos de direitos da mulher e de outras diversidades, lideranças de movimentos sociais, profissionais da educação básica que atuam no ensino privado, docentes do Ensino Superior, conhecimentos acerca da promoção, do respeito e da valorização da diversidade étnico-racial, de orientação sexual, identidade de gênero e questões relativas à deficiência [...]”<sup>1</sup>

Em sua etapa inicial de inscrição o GDE já dava indícios que seria uma formação desafiadora. Sendo esse um curso montado e destinado para professores, em demanda e conteúdo, minha tentativa de ingressar como psicóloga foi o primeiro desafio a ser superado. Seja na entrada, como posteriormente na participação em debates voltados à comunidade escolar sem estar inserida nesse espaço, meus saberes clínicos e crenças pessoais foram constantemente provocados. Ao abranger outros profissionais, a formação possibilitou ao grupo vivências teóricas, mas em essência práticas/sensíveis através da diversidade de seus integrantes.

Tanto as leituras e discussões dos conteúdos apresentados, como os sentimentos que atravessaram constantemente a especialização em GDE, proporcionaram a possibilidade de superar em nós mesmos, as construções sociais opressoras e excludentes. No meio educacional como no psicológico, os sujeitos e os conflitos são próximos, provenientes de construções históricas e naturalizações de comportamentos, que atravessam diferentes espaços. As redes que podem ser tecidas nesses campos servem em essência para promover

---

<sup>1</sup> Para mais informações sobre o Curso de Especialização Gênero e Diversidade na Escola – GDE acesse: <http://www.ieg.ufsc.br/especializacaoede.php>

equidade e respeito, e o curso em GDE que nesse trabalho será apresentado de forma sensível, através das percepções das/o cursistas do polo de Concórdia, representa muitas linhas dessa rede.

A partir da emergência do conceito de gênero, muito associado ao movimento feminista e sua ascensão, têm-se um profundo impacto na forma como os olhares vão ser moldados e problematizados, seja na educação, na psicologia ou em outras áreas, pois rompe com posições historicamente naturalizadas entre homens e mulheres, e distinções feitas a partir do sexo biológico dos seres humanos. Como aponta a filósofa Judith Butler (2010, p.25), “O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado”.

O impacto dessas novas formas de ver/lidar com o humano e suas diversidades, e a proposta de potencializar ao invés de limitar, atinge o campo educacional e confronta as pedagogias opressoras praticadas com profundidade ao longo da história nos espaços escolares. Assim a oferta de cursos como a Especialização em Gênero e Diversidade na Escola (GDE), promovido pelo Instituto de Estudos de Gênero (IEG) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em uma ampliação dos cursos de aperfeiçoamento oferecidos em duas edições anteriores que demonstraram a necessidade de continuidade e o aprofundamento das temáticas, são oportunidades ímpares e imprescindíveis para a promoção de olhares e ações voltadas às questões de gênero e outras diferenças e ao rompimento com os engessamentos da educação.

Segundo Lia Vainer Schucman (2010), Joan Scott preconiza que se desconstrua a oposição binária igualdade/diferença como única via possível, chamando atenção para o constante trabalho da diferença dentro da diferença. Dentro de um trabalho educacional isso é indispensável, visto que a forma com que o sujeito se percebe dentro do mundo, ou de uma determinada categoria, não é necessariamente igual à de outro sujeito daquela mesma categoria. Para Joan W. Scott (1988), a “‘mesmidade’ construída em cada lado da oposição binária oculta o múltiplo jogo das diferenças e mantém sua irrelevância e invisibilidade” (apud SCHUCMAN, 2010, p.51).

Mesmo tendo identificação com determinadas culturas e comportamentos a forma de sentir é única em cada pessoa, como ocorre no espaço clínico, onde o conhecimento e compreensão acerca dos conteúdos inconscientes que “falam” através dos sintomas e atuações dos sujeitos possibilitam um conhecimento de si e, conseqüentemente, uma autonomia frente a suas ações e desejos. E sendo a educação um espaço composto por diferentes elementos, de corpo pedagógico a estudantes, familiares, funcionários, corpo diretivo, administrativo e



demais cidadãos que direta ou indiretamente agem nesse espaço, refletir sobre as inquietações e dificuldades dessas pessoas permite compreender as questões subjetivas, inconscientes, limites pessoais, projeções e outros elementos psicológicos que podem interferir nas suas atuações.

Entrelaçando a significância dos estudos em gênero e diversidades com a importância de um bom preparo dos sujeitos que mediam o processo de ensino-aprendizagem, não é possível negligenciar fatores subjetivos que possam interferir ou até inibir a eficiência das interações educacionais. Em se tratando de temáticas que confrontam normas sociais tradicionais e cristalizadas na educação e, num âmbito mais íntimo, a própria criação familiar e cultural dos educadores, falar em gênero significa estudar e pesquisar, mas inevitavelmente vivenciar e sentir, deslocando a segurança que o conhecimento teórico traz e expondo os limites, as resistências, o “eu” do sujeito educador.

Beatriz Judith Lima Scoz (2008) apresenta a importância de considerar os educadores enquanto sujeitos, sem reduzi-los a suas dimensões racionais, nem tratando suas práticas como algo puramente concreto.

A eficácia das ações formadoras depende de compreender as/os professoras/es, não como seres abstratos ou essencialmente intelectuais, mas como seres com identidades pessoais e profissionais, derivando seus conhecimentos, valores e atitudes dos sentidos que vão construindo em seus processos de aprender e de ensinar. Esta análise parte do pressuposto de que cada um e todos os âmbitos do sujeito - pessoal, interpessoal, social, cognitivo, afetivo-, em qualquer interação, estão sincronicamente presentes e nenhum deles é afetado ou se transforma sem que os outros sejam também transformados. (SCOZ, 2008, p.23.)

O desvelamento das questões subjetivas dos educadores é um conhecimento que escapa às amarras das ciências exatas, e que precisa da presença concreta e simbólica do educador como agenciador e expositor de um aprendizado ainda não contemplado pelo currículo, ainda não oficializado pelas diretrizes educacionais como necessário, fundamental e em si ideal. Assim, pesquisar e refletir sobre esses conteúdos não oficiais leva a problematizar as práticas educacionais de forma completa, podendo talvez gerar uma educa(ção) empoderadora e problematizadora.

Problematizar as influências sociais, econômicas, políticas e culturais que contribuem direta e/ou indiretamente para a promoção de sofrimento psíquico, exclusão social e de direitos, marcando concretamente os sujeitos ditos “diferentes”, e refletir sobre o papel de cada sujeito na manutenção de estruturas opressoras, movimenta minha atuação clínica, norteia meu posicionamento social e compõe parte do incômodo que gerou a presente pesquisa. Visto que a psicanálise é uma prática que visa vencer resistências e escavar o

desconhecido, tendo também uma função pedagógica como a educação, minha atuação no consultório norteada por essa teoria, mesclou-se às vivências dos colegas professores e potencializou o desejo de pensar sobre as transformações subjetivas que foram possibilitadas pelo curso, inclusive por ser também sensível a essas transformações.

Sendo o GDE uma formação destinada predominantemente a professoras/es, com somente quatro participantes de outras áreas, de quais apenas duas não atuantes na educação formal, as perspectivas e experiências compartilhadas adquiriram uma pluralidade maior. Por habitarem o espaço educacional os/as colegas professores/as possuíam uma apropriação maior de conteúdos voltados ao ensino-aprendizagem, porém o distanciamento desse espaço e o desenvolvimento de uma escuta sensível me permitiu observar projeções e deslocamentos que para eles passavam despercebidos, ou eram desconhecidos até então.

Nessa perspectiva, este estudo teve como objetivo verificar se os/as professores/as do polo de Concórdia que permaneceram no curso de Especialização até sua conclusão, relatavam questões e mudanças subjetivas que pudessem interferir em seu bom desempenho docente no trato com seus aluno/as, em relação às temáticas de diversidade e gênero, e se elas/es atribuíam essas mudanças aos estudos desenvolvidos pelo GDE.

Constituiu-se, assim, como objetivo geral do trabalho de pesquisa proposto:

- Pesquisar se os cursistas da Especialização em Gênero e Diversidade na Escola vivenciaram transformações subjetivas em relação aos temas de gênero e diversidades (sexualidades, raça/etnia) e quais dessas transformações creditam ao curso realizado.

Para atingir tal objetivo, e relacionados a ele, foram definidos como objetivos específicos:

- Identificar se existiram dificuldades, limites, resistências nos estudantes do curso relacionados à temática gênero e diversidade e se estas interferiram ou interferem em seu bom desempenho enquanto docentes.
- Identificar se houve resistência, preconceito e outras formas de “violência” por parte de terceiros, escolas, família, amigos, direcionadas aos estudantes por estarem cursando o GDE.
- Identificar se os cursistas sentiram alterações e transformações pessoais e profissionais ao longo do curso e quais.
- Refletir acerca de possíveis elementos simbólicos e subjetivos relatados nas entrevistas que foram atribuídas pelos/as cursistas ao GDE.

Ao adicionarmos no problema de pesquisa o termo “bom desempenho” vale ressaltar que existe uma relatividade no que pode ser considerado um bom desempenho por parte do/a educador/a, pois a eficiência destes também é atravessada por construções históricas e mediadas pelo julgamento pessoal dos/as destinatários/as. Existem muitos estudos que buscam apontar características de um bom professor/a, como ser, o que fazer, e principalmente o que evitar, porém quem se prepara para a atuação docente precisa ousar um posicionamento que escapa aos estudos acadêmicos e saberes literários já produzidos, e não se limita às vivências e atravessamentos sociais, mas alia estudos e autoconhecimento, formando um arsenal de ferramentas e metodologias capaz de produzir um educar ideal.

O saber-ensinar se dá num campo relacional, sendo esse um espaço vivo, não linear e permeado por movimentos, transformações, oscilações, contradições que constroem e modificam o ato de educar. Ser professor/a nessa perspectiva, como bem aponta Paulo Freire, é mais que transmitir conhecimento, é recebê-lo.

É que não existe *ensinar sem aprender* e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observada a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos. (FREIRE, 2001, p.259.)

Os cursistas que permaneceram na Especialização até sua conclusão se permitiram essa experiência do aprendizado não apenas na relação professor-aluno, mas retornando à condição de estudantes e assim vivenciando com seu próprio corpo, o impacto que as temáticas de gênero e diversidade têm quando adentram a sala de aula. O educador, o estudante e o sujeito, que mesclados podem gerar uma super(ação) no espaço escolar e social.

Produzir conhecimentos através de estudos em gênero e sexualidades é em algum nível também uma produção do sentir, de emoções. Como aponta González Rey "As emoções representam um momento essencial na definição dos sentidos subjetivos dos processos e relações do sujeito. Uma experiência ou ação só tem sentido quando é portadora de uma carga emocional". (REY, 2003, p.249 apud SCOZ, 2008, p.09.). Assim a vivência emocional dos envolvidos na formação em GDE está diretamente ligada à compreensão e apropriação dos conteúdos.

Com isso, este estudo compreende como “bom desempenho” a atuação que partilhe desses princípios de ensinar-aprender, sem projetar sobre os/as estudantes conceitos e crenças pessoais baseadas em construções sociais naturalizantes e normatizantes, e que se coloque

também disponível para perceber as/os estudantes em suas singularidades, em suas diferenças de gênero, raça/etnia, classe e outras<sup>2</sup>.

Esperava-se observar no decorrer da pesquisa que o curso produzisse impactos e transformações positivas no olhar e na atuação das/os cursistas, e que como divisor de águas, passasse a compor suas atuações e intervenções. Que mesmo estranhos, ou assustadores, os conteúdos apropriados pelas/os cursistas no decorrer da especialização, pudessem ser internalizados e adotados como possibilidade de construir novos espaços e diferentes possibilidades de prática/atuação/intervenção na região do oeste catarinense. Que a Especialização em GDE se tornasse simbolicamente mais um habitante entre os cerca de 72 mil presentes do Município, e que produzisse fissuras nas rígidas estruturas presentes, nos campos educacionais, sociais ou culturais.

Considerando que a pesquisa se deu em um curto período de tempo, envolvendo entrevistas com sujeitos plurais e diversos, a investigação acerca dos “monstros”<sup>3</sup> que podem habitar o interior das/os cursistas foi mais um espiar, do que propriamente um desvendar, pois assim como um processo de análise leva anos para se desenvolver, a exposição desses limites e resistências que podem ter emergido a partir da especialização em GDE, também constitui um processo mais lento e profundo do que propõe este trabalho. Abrir a porta do armário, e saber que ali dentro algo de estranho se esconde, já é um importante passo no desenvolvimento pessoal e profissional.

O primeiro capítulo traz a descrição da metodologia utilizada na pesquisa, pois consideramos que em se tratando de uma pesquisa qualitativa, realizada por entrevistas, os detalhes que escapam ao discurso como expressões estéticas, comentários exteriores as gravações e outros, são importantes também para a resposta da problemática levantada. A localização geográfica e os dados sociológicos das/o participantes da pesquisa fornecem informações que auxiliam na leitura das respostas, pois trazem traços da sua criação, configuração familiar e do espaço sociocultural em que se desenvolveram e que consequentemente habitam seu pensar e agir.

No segundo capítulo teceram-se considerações preliminares acerca da pesquisa. De forma mais aberta iniciamos as análises a partir de reflexões sobre o público alvo, e os incômodos presentes na pesquisadora ao longo da especialização em GDE que culminaram

---

<sup>2</sup> Por analogia com minha prática profissional, relaciono este aspecto com o trabalho do/a analista que precisa percorrer o árduo trajeto da análise pessoal a fim de evitar projeções pessoais sobre seus analisandos.

<sup>3</sup> O termo “monstro”, também presente no título deste trabalho é uma analogia ao conceito freudiano de “estranho”. A metáfora é retirada do filme: “Onde vivem os Monstros”, que será apresentado junto com o conceito de estranho ao longo desse trabalho.

nos objetivos do estudo. Foram apresentados também alguns referenciais teóricos que nortearam e embasaram a construção e conclusão do presente trabalho.

No terceiro capítulo abordou-se informações sobre a atuação das/o cursistas, os espaços que estão inseridos profissionalmente e como se deu a escolha pelo curso. Também refletiremos sobre as disciplinas de maior impacto na percepção das/o entrevistados. Essas informações se fazem relevantes na análise final, pois fornecem indícios sobre os pontos do curso que mais geraram resistência, e/ou mudança, servindo inclusive de norte para a montagem de conteúdos curriculares em novas edições, ou outras formações nessas áreas.

No quarto capítulo refletiu-se sobre as dificuldades, resistências, preconceitos e transformações verbalizadas pelas/o entrevistadas/o. Como esses se apresentaram, de onde surgiram e qual o impacto destes em sua atuação e vida pessoal/social. Compreendendo assim as dificuldades e questões subjetivas que margeiam cursos no formato do GDE, e a potência dessas formações na transformação de estereótipos e estruturas sociais.

No quinto capítulo propôs-se uma reflexão sobre subjetividades<sup>4</sup> à luz de estudiosos como Michel Foucault, Félix Guatarri e outros, bem como reflexões sobre os elementos simbólicos partilhados pelas/o cursistas nas entrevistas. Ao mapear os simbolismos presentes nos discursos, conseguimos enfim responder a questão da pesquisa e expor, nas considerações finais, os principais impactos de ordem sensível que a formação em GDE “produziu” nas/os discentes, incluindo a própria pesquisadora.

---

<sup>4</sup> Considerando que existem diferentes formas de pensar as subjetividades, e existem diferentes autores discutindo o conceito, é importante pontuar que este trabalho utilizará como referencial a concepção de Félix Guatarri e Suely Rolnik, a qual será apresentada de forma mais completa no quinto capítulo.

## 2 MÉTODO

Para desenvolvimento deste trabalho foi realizada uma pesquisa qualitativa, usando como instrumentos entrevistas de profundidade com discentes do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola no Polo de Concórdia, bem como observação dos mesmos em todos os encontros presenciais desse programa de Ensino a Distância. Pesquisas qualitativas se traduzem naquilo que não é mensurável ou quantificável, no presente caso, as percepções subjetivas dos/as estudantes, os relatos das vivências, reflexões, sensações e sentimentos dos/as entrevistados/as em relação ao GDE.

Tendo em vista que a Especialização se dá num campo de ordem acadêmica, porém mesclada à percepção sensível, e com foco inclusive na transformação subjetiva das/os envolvidas/os, analisar qualitativamente as experiências foi também aproximar os procedimentos e métodos da pesquisa às vivências propostas pelo curso ao longo de seu andamento, não restringindo os conhecimentos científicos ao campo único dos saberes, mas próximo também dos “sentires”.

A pesquisa qualitativa visa, além de sua função tradicional de levantamento de informações sobre sujeitos em determinados contextos históricos, dar conta de seus objetivos num nível não apenas teórico. Nessa investigação, o método esteve também aliado a uma escuta sensível, buscando captar, nas entrelinhas dos discursos das/os cursistas, as reações subjetivas na modificação de suas práticas e valores, já que cursos no formato da Especialização GDE são determinantes de transformações sociais almejadas por grupos tradicionalmente definidos como minorias, homossexuais, negros, pessoas com deficiência e outras.

Como cenário, o presente estudo foi realizado no Município de Concórdia - SC<sup>5</sup>, cidade com aproximadamente 72 mil habitantes, localizada na Região Oeste de Santa Catarina. A cidade foi fundada principalmente por descendentes de alemães e italianos e comemora atualmente 82 anos de emancipação político-administrativa. É uma das maiores cidades do oeste, mesmo mantendo características interioranas, com economia baseada em comércio e agroindústria. A cidade recebeu um Polo Presencial de Ensino a Distância, ligado à UFSC e à Universidade Aberta do Brasil UAB/MEC, que também foi contemplado com uma turma da especialização GDE.

---

<sup>5</sup> Mais informações sobre a cidade disponíveis no site da Prefeitura Municipal: <https://concordia.atende.net/>

O município, bem como a região, possui população composta predominantemente por descendentes de europeus, alemães e italianos, que mantém em sua rotina ainda muito presentes os costumes e tradições dos colonizadores, bem como crenças e formas de pensar de seus ascendentes. Grande parte das famílias ainda é estruturada de forma heterossexual e patriarcal, onde o esposo toma as decisões e exerce a função de provedor, enquanto a esposa se responsabiliza por atividades ligadas ao lar e filhos, mesmo que trabalhe fora e contribua para o sustento da família. As violências de gênero que acontecem em função dessa estrutura familiar marcada pela hierarquia patriarcal, por vezes passam despercebidas, como algo natural. Fator que se constitui como um fértil terreno para reflexões acerca de elementos como machismo, e outros, visto que os/as cursistas da especialização fazem parte desse contexto social, como profissionais, membros de diferentes grupos sociais e, agora, como especialistas, tendo diferentes funções e atribuições para lidar com essas questões.

Os/as cursistas da Especialização em GDE compuseram o público-alvo da pesquisa. A pesquisa foi realizada através de entrevistas em profundidade com as/os participantes do GDE que permaneceram no curso no município de Concórdia. Considerando a distância geográfica, duas entrevistas foram realizadas através de e-mail e conversas online e 11 entrevistas foram presenciais. Todas obtiveram o consentimento dos sujeitos e as entrevistas presenciais foram gravadas para posterior transcrição e retorno as/o participantes da pesquisa. Em acordo com os objetivos da proposta deste TCC, foi dada especial atenção aos relatos dos sujeitos a respeito de sua participação no curso, relacionada a seu desempenho como docentes no que se refere ao tratamento das questões de gênero, raça/etnia e sexualidades, no cotidiano de sua relação com as/os alunas/os no ambiente escolar.

A seleção dos/as cursistas para o estudo teve como critério principal sua permanência na Especialização, pois se propuseram a estudar Gênero e Diversidade na Escola, “suportaram” e se “relacionaram” com as temáticas, confrontos, construções e desconstruções de forma ativa e presente, visando tornarem-se especialistas na área, representando um grupo ideal para refletir acerca das dificuldades que foram enfrentadas além dos já conhecidos discursos de tempo e sobrecarga, e problematizando se passaram por transformações ao longo dos estudos, se algo mudou e o que em suas vidas, seja pessoal e profissionalmente.

No Polo de Concórdia o curso abriu edital para 32 vagas, iniciando com 28 alunos/as, sendo que 14 desistiram ou reprovaram ao longo de seu andamento, permanecendo assim 13 alunas e um aluno. Considerando que a pesquisadora do estudo estava incluída entre as/o estudantes que permaneceram, as entrevistas foram realizadas com 13 participantes, sendo 12 mulheres e um homem, com idades variando entre 23 e 47 anos.

Entre as/o entrevistadas/o 10 estavam casadas/o ou em uniões estáveis e apenas duas possuíam filhos. Cinco participantes são descendentes de colonizadores alemães; sete de italianos. Um dos sujeitos entrevistados é natural de outro estado e possui ascendência espanhola. Sete entrevistadas/o habitam na cidade de Concórdia, cinco em cidades próximas e uma no estado do Paraná.

As/o 13 entrevistadas/o possuem cursos de graduação: 10 são professoras/or, duas são psicólogas (caso também da pesquisadora) e uma é assistente social. Atuam predominantemente no Ensino Fundamental e Médio. Uma entrevistada atua na educação de jovens e adultos (EJA) e duas entrevistadas atuam no ensino infantil. Assim, das/o participantes na pesquisa, 10 atuam em sala de aula: dois em espaço escolar (uma cursista atuava em espaço escolar, mas pediu demissão ao longo da pesquisa, e no momento não está atuando); e uma atua no Programa Mesa Brasil/SESC.

Com relação aos pais das/o entrevistadas/o, as famílias não eram numerosas, possuindo estes/as entre um e quatro filhos/as. Cinco desses pais eram agricultores/as, o restante atuava em profissões variadas como merendeira, motorista, dona de casa, e outras. A predominância de nível de escolaridade dos pais era o ensino médio, que alguns completaram. Apenas uma cursista possui ambos os pais com nível superior completo.

A esperada dificuldade de análise do material obtido com a pesquisa, por envolver questões subjetivas em um espaço socialmente construído sobre valores ainda marcadamente tradicionais, com presença de concepções machistas, segregacionistas e preconceituosas, surgiu como uma experiência prática representativa das possíveis dificuldades e enfrentamentos vivenciados ao lidar com os temas do curso no campo intelectual e os embates sociais decorrentes da realização dessa Especialização em Concórdia, cidade do interior de Santa Catarina.



### 3 REFLETINDO SOBRE A PESQUISA

No desenvolvimento dos projetos de pesquisa temos algumas etapas fundamentais que além de nortear o trabalho vão conectar o pesquisador aos conteúdos já produzidos sobre o assunto oferecendo embasamento (ou não) para suas perguntas e promovendo diálogos com diferentes autores e áreas, uma dessas etapas é a revisão de literatura. Assim, visando aprofundar o conhecimento e orientar-se na resolução do problema de pesquisa, o presente trabalho se fundamenta em obras e estudos que trazem reflexões sobre os temas de gênero, diversidades, educação e subjetividades, circulando pelos campos da psicologia e estudos de gênero.

Refletindo sobre os processos educativos e os sujeitos que o compõe é possível perceber que os profissionais da educação, essencialmente professores, enfrentam ainda muitos desafios em sua formação, principalmente em temas envolvendo gênero e sexualidades. Esses desafios compuseram a segunda edição do curso de aperfeiçoamento em Gênero e Diversidade na Escola, oferecido pelo Instituto de Estudos de Gênero (IEG/UFSC) em parceria com a Secretaria de Políticas para Mulheres (SPM) e com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), ocorrido entre 2012 e 2013, que teve como objetivo ampliar os debates acerca do tema e capacitar professores da rede pública de ensino.

O curso foi oferecido na modalidade EaD, com promoção de seis encontros presenciais, e esse formato foi uma das dificuldades com que os cursistas tiveram que lidar, além da própria temática que por si só é confrontadora. Alguns venceram esses desafios, mas muitos ficaram ao longo do trajeto, sendo já em menor número que na primeira edição do curso, na modalidade de extensão. Segundo Miriam Grossi, Olga Garcia e Marie Anna Lozano (2015), em estudo sobre a evasão ocorrida naquele curso, como principais causas de desistência foram relatadas a falta de tempo, o acúmulo de atividades e a falta de motivação. Foi observado que grande parte dessas desistências se deram proporcionalmente entre mulheres, mostrando que uma sobrecarga de funções com os trabalhos de reprodução da família ainda lhes são atribuídas, exemplificando essas alunas, em suas vivências, parte dos conteúdos trabalhados no curso.

Considerando que grande parte das participantes são mulheres, as contribuições da filósofa e escritora Simone de Beauvoir, também são de grande importância na análise

proposta pela pesquisa e essencialmente na escuta dos discursos, pois segundo a autora a mulher não representa o segundo sexo, ou está em posição secundarizada por razões biológicas, mas por construções históricas e culturais, processos que lhes atribuíram e as colocaram por sob uma série de estereótipos, entre eles o “eterno feminino”. A partir do conhecimento dos processos históricos e das teorias que afirmam as divisões sexuais como definidoras de possibilidades, a autora afirma que “não se nasce mulher, mas torna-se mulher”, a sociedade informa e transforma a pessoa em um ser feminino. (BEAUVOIR, 1980).

As/os educadoras/es não precisam estar limitadas/os às apostilas e diretrizes burocráticas, e sim abertas/os à potência do encontro com as/os alunas/os, ao saber que emerge nas relações seja em sala de aula, ou em espaços de (re)construção de sua prática como cursos, palestras, e formações complementares, para que possa vivenciar as palavras do Professor Paulo Freire, “O ensinante aprende primeiro a ensinar mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado.” (FREIRE, 2001, p.259.). As diversidades do espaço implicam os professores, em novas terminologias, novos pensamentos, atitudes e por fim, novas formas de ser e de sentir a profissão.

Os/as docentes já foram alvos de diversas metáforas e definições, de jardineiro a regar a terra fértil, a escultor que entalha e direciona as formas do aluno (TUNES; TACCA; JÚNIOR, 2005). Em cada uma delas sua ação é definidora das sequências e consequências que o educar terá no sujeito. “É preciso, sim, ter metas e objetivos, saber sobre o que se vai ensinar, mas não se pode perder de vista, um segundo sequer, para quem se está ensinando e é disso que decorre o como realizar” (TUNES; TACCA; JÚNIOR, 2005, p.697.).

Com isso, é importante refletir acerca das questões subjetivas dos/as professores/as, nos processos de aprender e de transmitir ensinamentos. Detectar se houve transformações nas posturas pedagógicas e pessoais dos/as educadores/as sobre as questões de gênero, raça, sexualidade, diversidades desenvolvidas no curso, se as/os mesmas/os percebem limites, entraves e resistências que insistem em permanecer no seu trato com os/as alunos/as em relação a essas questões, pode contribuir para que as resistências sejam conhecidas, “enfrentadas” e direcionadas a uma prática educacional e social que não reproduza os estereótipos e ações de exclusão e segregação das/os diferentes.

Dentro dessa análise, o curso de Especialização GDE, e em específico os/as estudantes/docentes presentes no polo Concórdia, puderam compor uma amostra ideal para esta pesquisa, pois fazem parte de um espaço geográfico e cultural marcado, muitas vezes, por ações machistas, preconceituosas, segregacionistas entre outras formas de exclusões e

opressões, no trato das diversidades. Os sujeitos presentes no curso vivenciaram uma série de confrontos decorrentes das temáticas desenvolvidas no GDE, e da forma como essas foram abordadas, tanto em sua atuação como em seu próprio pensar e sentir, tornando o simples “permitir-se”, ou “propor-se” estudar gênero um marco pessoal e profissional e, em si, uma forma de militância.

O deslocamento da posição de docente para aluno/a, em uma formação com bases feministas e que promove a diversidade e o enfrentamento das violências sexistas, pode vir a produzir movimentos não só nas escolas, mas na região, pois os cursistas são profissionais, mas também filhas/os, esposas/os, amigas/os e membros de uma sociedade com fortes elementos tradicionais. Este trabalho de conclusão do GDE propôs-se a refletir também sobre a importância de considerar questões subjetivas trazidas pelas/os cursistas, que possam ter restado como entraves, ou que possam ter provocado mudanças, promovendo uma maior segurança em sua atuação com os/as próprios/as alunos/as, um posicionamento implicado nos espaços sociais e de trabalho, e um melhor aproveitamento das experiências com os conteúdos, que ao serem internalizadas pelos/as participantes permitem sua saída do campo acadêmico para espaços práticos, do cognitivo para o sensível, do singular para o plural.

Consequência da escuta clínica e da leitura sensível, o questionamento inicial e as reflexões presentes na pesquisa também permeiam as transformações vivenciadas por mim no curso. Durante essa trajetória foi possível observar crenças desmoronando e limites se desconstruindo, próximo a um processo simbólico de análise. Quando uma temática gerava um impacto ou um estranhamento maior, conseqüentemente a escrita não fluía e o cansaço nas leituras e estudos eram maiores, como se “somatizasse” os conteúdos.

A naturalização das desigualdades e a promoção de violências dentro dos espaços escolares, partilhadas pelas/os colegas misturavam estranhamento e desconforto, e culminavam em intervenções que visavam questionar as/os colegas docentes sobre seu papel na manutenção dessas práticas, ou de modo amplo, sobre nosso papel na propagação das violências de gênero, classe, raça, sexualidades, etc.

Porém quando as/os cursistas que, em meio às diversas dificuldades como falta de tempo, sobrecarga de trabalho, desmotivação, demandas familiares e/ou sociais, falta de apoio e amparo entre outros, apontados pelo estudo de Marie Anne Leal Lozano, Isabelle Silva e Suzy Carvalho (2014)<sup>6</sup> que analisou os dados provenientes de um dos cursos de extensão

---

<sup>6</sup> LEAL, M.; SILVA, I.; CARVALHO, S. “O desafio de estudar gênero e diversidade à distância – analisando dados do curso de extensão à distância GDE/UFSC 2012/2013”.

realizados anteriormente pelo IEG, propuseram-se a permanecer no curso e concluí-lo, podemos pressupor que algo do e no sujeito, além do desejo primário de ampliar os estudos, implicou-se com as temáticas. Ter conhecimento acerca da desistência se faz importante, como apontam as autoras do estudo mencionado.

Descobrir os motivos que fazem as/os mais diversos profissionais da educação se inscreverem e em seguida desistirem do curso é essencial para tentar criar e planejar metodologias mais inclusivas em cursos que trabalhem a questão da diversidade e de gênero a distância e construir estratégias para a cada nova edição diminuir a evasão de cursistas. (LOZANO; SILVA; CARVALHO, 2014, p.66).

Percebemos também que, além de descobrir os motivos que levam os profissionais a se inscreverem e posteriormente desistirem, é importante tentar compreender o que leva outros/as a permanecerem, para que possamos refletir acerca do real impacto que estudos de temáticas que podem afetar fortemente os sujeitos, têm na vida e na atuação desses/as profissionais.

A pesquisa proposta também levou em consideração que grande parte dos/as participantes pertence ao sexo feminino, permitindo que hipoteticamente se refletisse acerca de um envolvimento mais próximo das mulheres com temas como violência, aborto, desigualdades, entre outros. Quanto ao participante homem que permaneceu, pode-se supor uma maior disposição em romper com estereótipos, machismo como inerente ao masculino. Também é uma questão a se considerar, a predominância da orientação heterossexual nas/o alunas/o do polo de Concórdia que estão finalizando o curso, em contrapartida aos cursistas de diferentes orientações sexuais que desistiram ao longo do percurso, permitindo a problematização dos enfrentamentos e superações no campo das sexualidades.

As/os participantes com diferentes orientações sexuais, mesmo desistindo ao longo do percurso também tiveram nos estudos formas de empoderamento e esclarecimento acerca de suas possibilidades de existência social, ou até de espaço para fala, compartilhamento e reflexão. Seja quais forem os motivos, a permanência pode promover o deslocamento das crenças normatizadoras e já naturalizadas nos sujeitos cursistas, e assim, além de resistências e ideias “sabotadoras”, pode ser possível, a partir de seus relatos, detectar transformações já iniciadas nos aspectos pessoais e profissionais que têm no curso apenas um ponto de partida para se fixarem e ampliarem na jornada enquanto especialistas em gênero.

Com os dados levantados e as falas analisadas, importantes propostas de intervenção podem ser formuladas, visando promover dentro do espaço escolar brechas para o “cuidado” com a subjetividade das/os docentes, de forma tão importante como a progressão em

formação e conhecimento à qual já são submetidos por desejo, ou pelo próprio sistema. Cursos, dinâmicas, capacitações e até trabalhos clínicos podem ser pensados e desenvolvidos a partir do que surge nas pesquisas.

O espaço clínico, por exemplo, é também um campo com grande demanda para receber os conteúdos trabalhados ao longo do curso, essencialmente os voltados à desconstrução de estereótipos e ao reforço do desenvolvimento de segurança para enfrentamento de violências e preconceitos. A psicologia, em parceria com a educação, pode oferecer ferramentas as/aos educadoras/es, em suas singularidades, no sentido de potencializar os conteúdos aprendidos, atravessados por questões emocionais. A possibilidade de ser agente, que acompanha processos como a conscientização de mulheres vítimas de abusos e violências, de transformações em homens contaminados historicamente por atitudes e pensamentos machistas, e de pacientes em sua trajetória de desvelamento dos conteúdos inconscientes é, além de atraente, a mola propulsora que mesmo com forças contrárias e regressos a nível político (família, amigos, sociedade, estado), impulsiona e encoraja a jornada pós-especialização.

Vale lembrar que a escola é uma das instituições e espaços privilegiados no processo de socialização dos indivíduos, permeando sua construção subjetiva e cultural, podendo assim contribuir para reiterar estereótipos e preconceitos ou romper com os mesmos. Nesse sentido, os valores dos/as professores/as cursistas estiveram mesclados a posicionamentos frente aos conteúdos e debates que sobre exclusões e violências e o rompimento destas, dependendo da estrutura do educador e da sua implicação com o educar.

A própria forma como a profissão é exercida já deixa pouca margem para o sujeito educador emergir e lidar com seus entraves, suas emoções e conflitos, antes de atuar e mediar o aprender de crianças, jovens e até adultos nessa jornada para a vida. Ser professor/a é por vezes, ou foi ao longo da história, uma consequência antes de ser escolha, visto que muitos cursos permitem essa prática, e em localidades mais distantes de grandes centros como é a cidade de Concórdia, o magistério era uma das poucas opções de ensino superior.

Assim a proposta deste estudo traz tema importante para se refletir em outros campos que margeiam a atuação docente, como o próprio campo da psicologia. Escritos sobre a questão simbólica “Onde vivem os monstros”, como metáfora de crenças e formações culturais que podem constituir um/a educador/a e serem projetadas em seus alunos/as; sobre estereótipos sociais que posicionam os “diferentes” como errados, pecadores, doentes, inferiores, talvez não sejam tão exteriores aos sujeitos profissionais. Talvez os monstros não vivam apenas embaixo da cama, ou dentro do armário, mas no interior de cada ser humano,

escondidos, agindo nas sombras e buscando espaço para existir e atuar, sendo as relações humanas nos espaços escolares um terreno fértil para emergirem, devido à diversidade que abarcam.

Sigmund Freud (1919) em um de seus escritos, usa o termo “Das Unheimliche”, traduzido como “O Estranho”<sup>7</sup>, “O Sinistro”, para fazer referência a conteúdos inconscientes reprimidos em nós, que nos causam uma inquietante estranheza, um profundo desconforto, e que tendemos a projetar no outro. Os cursistas, ao se depararem com conteúdos estranhos e diferentes dos que lhes eram oferecidos acadêmica e culturalmente até então, ficaram suscetíveis a essa estranheza e aos seus efeitos sensíveis. “Acreditamos que a questão do estranho pode servir como ponto de partida para uma reflexão que possa ir além das dicotomias onde a diferença permanece como um resto a ser expulso ou temido, fonte de ódio ou angústia.” (SACEANU, 2001, p.03).

Assim, para a análise acerca das questões subjetivas e dos conteúdos recalçados pelos cursistas que ganham luz no processo de estudos e reflexões no GDE, esse texto de Freud oferece elementos acerca do inconsciente e da forma como lidamos com o que nos angustia, a ponto de projetarmos no outro o que nos apavora em nós mesmos. Segundo o autor, “[...] o elemento angustiante é algo reprimido que retorna [...] não é realmente algo novo ou alheio, mas algo há muito familiar à psique, que apenas mediante o processo de repressão alheou-se dela” (FREUD, [1919] 2010, p. 360).

Considerando a teoria de Freud sobre *Das Unheimliche* como sendo algo familiar em nós, o desconforto sentido pela “acomodação” das/o demais cursistas frente às violências de gênero, diversidades sexuais, etc, praticadas ainda abertamente nos espaços escolares, assemelharam-se às exclusões praticadas também pela formação em psicologia e que, mesmo com os devidos cuidados, podem ter atravessado em momentos minha atuação clínica. Reconhecer que projetamos, que exteriorizamos nossos desconfortos, embasa a questão dessa pesquisa, e a busca pelo entendimento de quanto e como as/os cursistas se permitiram absorver os conteúdos do GDE, ou quanto desses conteúdos repeliram. Quando algo causa desconforto é instintivo projetar em elementos exteriores, e isso é comumente praticado, especialmente sobre os diferentes.

Já a agressividade dirigida ao estranho é facilmente verificável no contexto social, e mostra uma tentativa de manter o estranho numa exterioridade, fixando esta estranheza no outro, que então torna-se ameaçador, perseguidor.

---

<sup>7</sup> Em uma tradução mais recente das Obras Completas de Sigmund Freud, para a Companhia das Letras (2010, Volume 14 [1917-1920]), o tradutor Paulo César de Souza intitula este texto de “O Inquietante”.

Trata-se de uma questão central na atualidade, onde vemos comumente este tipo de reação diante da estranheza. (SACEANU, 2001, p.03).

Novamente comparando teorias, aqui a literatura complementa a psicanálise com os simbolismos de “monstro” e do “estranho” proposto por Freud. Quando o sujeito não dá conta de se expressar, ou lidar com as expressões do outro, encontra diferentes caminhos para lidar com esses conteúdos, seja por meio de sintomas, desvios, atuações, fantasias, etc. A referência a monstros acima é uma analogia ao filme “Onde Vivem os Monstros”<sup>8</sup>, lançado em 2009 e baseado no livro infanto-juvenil “Where the Wild Things Are” de Maurice Bernard Sendak, publicado pela primeira vez em 1963 (CARIDADE, 2016, p.01). O livro conta a história de Max, personagem infantil que usa uma fantasia de lobo e age de forma agressiva, buscando atenção, e tentando lidar com uma série de sentimentos que emergem a partir de situações vividas em família.

As/os cursistas, quando se propuseram a realizar a especialização em GDE, além de lidar com seus próprios conceitos acerca do tema expuseram um desejo, ou mesmo curiosidade, por temáticas consideradas socialmente impróprias na região. Julgamentos, críticas, limitações e até exclusões surgiram e passaram a compor o dia a dia das/os educadoras/es, e adentram seu convívio familiar e relações sociais. Mas como o personagem do filme que, ao aceitar a realidade que o envolvia pôde crescer, as/o especialistas em Gênero e Diversidade na Escola, ao enfrentar conteúdos que podiam lhes causar insegurança ou incômodos, puderam filtrar aquilo com que conseguem lidar e dar um destino para isso, que não seja a projeção nos seus alunos, ou a reprodução de práticas normatizadoras e opressoras frente às diversidades que florescem no espaço escolar.

A naturalização das práticas educacionais como transporte de conteúdo está enraizada na sociedade e seguiu por muito tempo como única via possível (ou permitida) de relação entre professor/a-aluno/a, professor/a-escola, professor/a-sociedade. Questionar essas raízes, problematizar as questões subjetivas como fatores importantes e quem sabe determinantes do caminho que esse conteúdo vai percorrer até mediar às relações docente/estudante, e auxiliar na transformação das práticas educacionais presentes no Município de Concórdia e região, foi o fator motivador dessa pesquisa.

Consideramos também impossível falar em subjetividades, conhecimento e cuidado sem referenciar Michel Foucault e seus escritos. Em um de seus conhecidos textos, a *Hermenêutica do Sujeito*, produzido a partir de transcrições de aulas em seu curso de 1982 no

---

<sup>8</sup> Para saber mais sobre o filme, acesse: <http://www.br.warnerbros.com/wherethewildthingsare/#/Splash>

Collège de France, Paris, Foucault faz referência ao cuidado de si, com leituras do texto *Alcebiades* de Platão. Referenciando-se às relações entre a *epiméleia heautoû* (o “cuidado de si”) e o *gnôthi seautón* (o “conhece-te a ti mesmo”), ele argumenta que o “cuidado de si” justifica a expressão “conhece-te a ti mesmo”. Construindo pensamentos e expressões, Foucault nessas aulas retoma a importância de pensarmos no “cuidado de si”, como um operador importante na nossa existência e na relação com o/os outros. “A prática de si não era mais aquela espécie de juntura entre a educação dos pedagogos e a vida adulta, mas, ao contrário, um tipo de exigência que devia acompanhar toda a extensão da existência” (FOUCAULT, 2006, p. 155). As práticas da verdade também aparecem em suas reflexões como importantes formas de se dar a conhecer, resultando inclusive no modo de se ser, reunindo o sujeito do discurso e o sujeito da ação. A partir da verdade o sujeito se liga e não apenas se submete.

Com o objetivo de pensar as subjetividades, também recorreremos aos escritos de Félix Guatarri e Suely Rolnik (1996), no livro intitulado “Micropolítica: Cartografias do desejo”. Os autores falam em subjetividade não só como algo do indivíduo, mas uma subjetividade social, capitalística, onde a cultura de massa se faz elemento fundamental.

O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo “se submete a subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização”. (GUATARRI & ROLNIK, 1996, p. 33).

Considerando que os professores são sujeitos oriundos de construções sociais, suscetíveis à massificação do pensamento, compreender esses atravessamentos se faz importante ao analisar suas questões subjetivas.

A analogia presente no termo monstro, que compõe o título deste trabalho, além de estar presente no filme dirigido por Spike Jonze, “Onde vivem os monstros”, e no livro de inspiração de Maurice Bernard Sendak, também integra o ensaio “Mulheres, negros e outros monstros: um ensaio sobre corpos não civilizados” de Jonatas Ferreira e Chyntia Hamlin (2010). O texto mistura reflexões acerca da mulher, do negro e do monstro, fazendo referência à forma como os corpos são percebidos em determinados espaços e culturas, através da análise do paradigmático caso de Sara Baartman, também conhecida como Vênus Hotentote.

Como mulher, negro ou monstro, o outro é aquilo que em princípio não deve circular, mas também aquilo que não pode deixar de circular, sob pena de privar o discurso civilizador da oposição que o funda: em sua feiura, desproporção, desordem, o monstro é o outro do civilizado. (FERREIRA; HAMLIN, 2010, p. 813).



A Professora Mara Coelho de Souza Lago, em suas articulações com as teorias de gênero e a psicanálise, aborda questões importantes na compreensão dos sujeitos e subjetividades. Em seu texto intitulado, "De sujeitos e identidades: diálogos entre Ciências Humanas e Psicanálise" (2004)<sup>9</sup>, tratando das questões de identidades, subjetividades, a autora coloca diferentes abordagens em diálogo e reflete sobre a constituição do sujeito pela linguagem, sujeito que significa e é significado pela cultura, pelo social. Sujeitos que falam e são falados, e através das relações (na família, vizinhança, igreja, escola, trabalho...), através das identificações que estabelecem nesse mundo de relações, constituem-se um a um, como singularidades.

Essa gama de teóricos referenciados nesse trabalho fornecem o arcabouço necessário para realizar as análises das entrevistas realizadas e refletir acerca das questões subjetivas, apresentadas pelas/o discentes da especialização em GDE. As falas das pessoas entrevistadas serão utilizadas em conjunto ao longo da escrita, de forma a respaldar e exemplificar as reflexões desenvolvidas no decorrer dessa pesquisa.

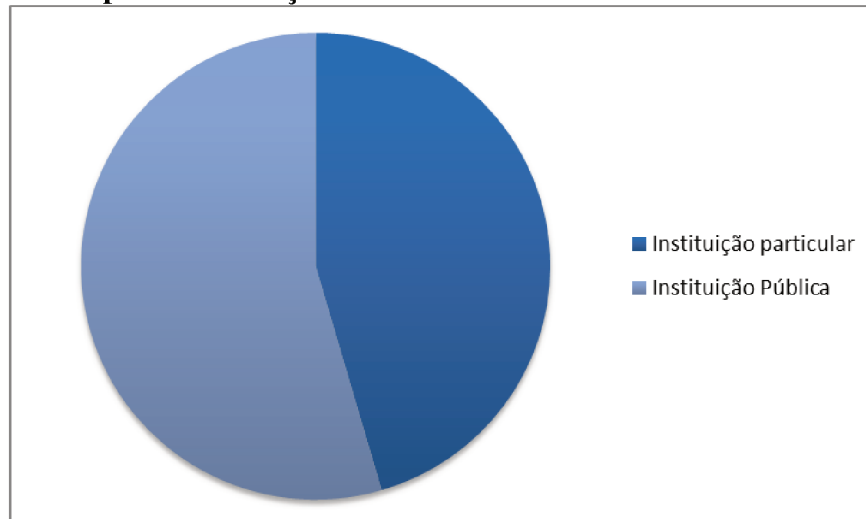
---

<sup>9</sup> In: RIAL, Carmen S. e TONELI, Maria Juracy. "Genealogias do silêncio: feminismo e gênero", publicado pela Ed, Mulheres em 2004, apresentando artigos referentes a trabalhos apresentados nos eventos do Seminário Internacional Fazendo Gênero de 2000 e 2002 e organizado por Carmen Sílvia Moraes Rial e Maria Juracy Filgueiras Toneli,

#### 4 ATUAÇÃO E ESCOLHA

Considerando que a especialização GDE se iniciou com uma proposta voltada exclusivamente a professores/as e/ou profissionais da educação, mas se ampliou devido ao não preenchimento total das vagas por parte destes, o polo de Concórdia, e por consequência, o público alvo dessa pesquisa se apresenta diverso dos demais polos de Santa Catarina onde foi ministrado, não sendo todos os participantes educadores presentes em sala de aula. Dos 13 participantes, 10 são professoras/or, duas são psicólogas e uma é assistente social. As áreas de atuação das/o alunas/o do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola em Concórdia, compreendem basicamente espaços educacionais, sendo que 10 cursistas atuam como professoras/or diretamente em sala de aula, e três atuam em espaços educacionais, porém não adentram a sala de aula. Seus espaços de atuação compreendem instituições públicas e particulares, nas proporções mostradas no gráfico a seguir:

**Gráfico 1- Tipo de Instituição**



Fonte: Autora da pesquisa.

O local de atuação das/o cursistas se faz relevante na pesquisa, pois considerando que o espaço social é também promotor de barreiras e dificuldades, a forma como as/o profissionais se relacionaram com as temáticas podem passar pelas maneiras como as instituições lidam (ou não) com estas. Ao longo do curso em GDE os módulos apresentaram conteúdos voltados ao espaço escolar e enfatizaram constantemente a importância de se discutir gênero nesse espaço como algo necessário e urgente.

É importante discutirmos a temática de gênero e educação porque a instituição escolar, de forma explícita ou implícita, por meio do seu currículo, seu projeto político pedagógico, plano anual, plano de aula, material pedagógico, suas práticas pedagógicas, linguagens, brincadeiras, ainda é um local privilegiado para discussão e reflexão sobre a produção e reprodução das desigualdades entre os gêneros. (GRAUPE; BRAGAGNOLLO. 2015 p.09).

O gráfico apresenta uma porcentagem de atuação maior em escolas públicas do que particulares, e através dos relatos foi possível perceber que as discussões de gênero também se fazem mais presente nas escolas públicas, como apontado nos relatos abaixo:

[...] eu trabalhei abuso sexual né das crianças aquele videozinho lá “O segredo” e dois diretores me parabenizaram, acharam maravilhosa a iniciativa, falaram que era necessário trabalhar com as outras turmas também, não só com aquelas que eu trabalho. (Cursista 2).<sup>10</sup>

Na escola onde eu atuo existe bastante diversidade, tanto de gênero, quanto de raça, enfim, diversos são os temas, os alunos, a gente tem de surdo, cadeirante, deficiente mental leve, a gente tem o hétero, homo, nós temos casais héteros, temos casais homo, que são alunos, nós temos professores que são homossexuais, pelo menos na escola a diversidade é grande e o respeito também. (Cursista 4).

Em escolas particulares, os relatos apresentam algumas dificuldades, como nas palavras das/o Cursistas 3 e 13, “te dão uma cordinha, você pode ir até ali, agora te trago de volta, te limita um pouco como profissional [...]”, “com relação à postura da própria escola eu também não vejo um esforço muito grande nesse sentido, eu procuro trabalhar né, eu levo essa discussão bastante pra sala de aula, dessas temáticas [...]”.

Essa postura mais conservadora/fechada da escola particular é associada, nas palavras do cursista, a outros marcadores sociais, como a classe econômica.

[...] é nítido que o público é de condição econômica tranquila, boa, até às vezes bem confortável né, eu percebo que por conta disso há uma ausência de certos, de certos tipos de pessoa né, de marcadores sociais ali nas pessoas que estão presentes nesse espaço. (Cursista 13).

A “liberdade” que a escola pública oferece não é necessariamente associada ao interesse, mas por vezes à indiferença, como aponta a Cursista 3, “[...] a pública, qualquer assunto que você traz têm que, aquela coisa que o diretor vai te dizer assim, “Tá, se você quer pode trabalhar, mas eu não vou me envolver muito, né””.

---

<sup>10</sup> Todas as entrevistas foram realizadas sob termo de consentimento, assim as/os entrevistados serão identificados por números. As entrevistas na íntegra encontram-se, transcritas e sob sigilo, com a pesquisadora.

Essa terceirização que o corpo diretivo faz, deixando a cargo do/a professor/a as temáticas e as formas pelas quais este/a vai abordá-las, reforçam a necessidade de preparo e capacitação dos docentes no que tange a gênero, diversidade, sexualidades e outros temas, para que possam assumir esse espaço e se posicionar frente às demandas emergentes no espaço escolar.

Nesse contexto, a falta de conhecimento sobre a questão de gênero por parte de profissionais da educação, ou de profissionais que possuem conhecimento, mas não estão dispostos a mudar sua forma de pensar e agir sobre gênero, identidades de gênero, orientação sexual, acabam contribuindo para que a escola não desenvolva o seu papel de combate a toda e qualquer atitude e comportamento que revele sexismo, machismo, heterossexismo, etc. (GRAUPE; BRAGAGNOLLO. 2015 p.09).

Consideramos também importante analisar como se deu a escolha por realizar esse curso de especialização pelos participantes, o que as/o atraiu e quais foram as disciplinas de maior impacto, permitindo com as informações obtidas potencializassem a reflexão acerca das questões que emergiram ao longo do curso, e como as expectativas das/do cursistas podem ter impactado as formas como estas/e se relacionaram e internalizaram os conteúdos estudados.

Os relatos acerca da escolha se concentram principalmente em curiosidade, pela temática de gênero que para muitos foi uma novidade. Das/o 13 entrevistadas/o, nove não tinham tido contato com estudos de gênero anteriormente, e vislumbraram nessa especialização a possibilidade de conhecer sobre o assunto e potencializar sua prática profissional. Segundo a Cursista 1, “[...] eu me inscrevi principalmente pelo título, foi o que mais me chamou atenção né, porque até então eu nem sabia o que que era gênero, o que a gente ia estudar [...]”. A curiosidade também foi utilizada como justificativa pela Cursista 11, “Olha no começo nada, na verdade assim no começo eu fui por curiosidade mesmo, né, falar de gênero pra mim não era uma coisa que eu discutia, não tinha nada na minha formação”.

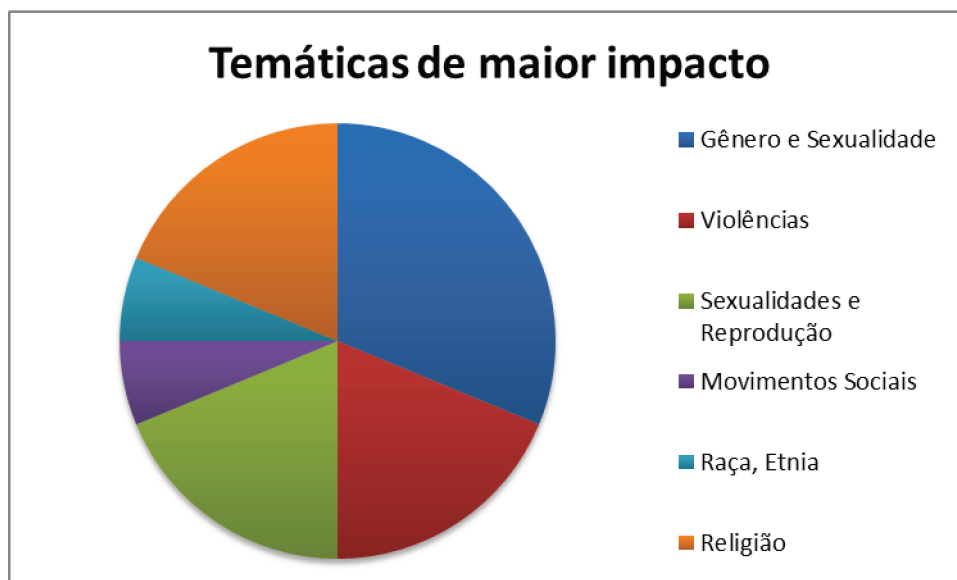
O curso se constituiu em módulos, que abordaram as seguintes temáticas: Introdução à tecnologia de ensino à distância; Diversidades, diferenças e interculturalidade; Gênero: um conceito importante para o conhecimento do mundo social; Gênero, diversidade sexual e religião; As diferenças de gênero no espaço escolar; A importância dos movimentos sociais na luta pela igualdade de gênero; Sexualidades: dimensão conceitual, diversidade e discriminação; Noções de raça, racismo, etnicidade e desigualdade racial; Gênero, raça e diversidade no cotidiano escolar; Saúde, Sexualidades e reprodução; Sexualidades e violência no cotidiano escolar; Deficiências e inclusão; e por fim, Metodologia de Pesquisa.

É possível perceber a abrangência da especialização em GDE e a pluralidade de temas abordados. Com foco centrado em gênero e educação, o curso percorreu diferentes caminhos e ofereceu uma variedade ampla de materiais. De artigos escritos exclusivamente para o curso pelas/os professoras/es envolvidos, a textos consagrados de pensadores como Judith Butler, Simone de Beauvoir, Joan Scott, Michel Foucault e outros. Redes sociais, publicações de jornais, vídeos do youtube, blogs da área, enfim uma variedade de fontes, porém todas construídas com bases acadêmicas, não limitadas a “achismos”. Os materiais complementares oferecidos, além da bibliografia básica, demonstravam aos discentes diferentes formas de construção e aplicação das temáticas, fornecendo juntamente um arsenal de ferramentas para serem usadas posteriormente em sua prática profissional.

Segundo as historiadoras e professoras do curso Cristina Scheibe Wolff e Janine Gomes da Silva (2015, p.09), “a categoria gênero está cada vez mais presente nas discussões acadêmicas, nos movimentos sociais, nas organizações não governamentais e nas esferas do poder público, especialmente quando se discutem políticas públicas”. Essa presença não é fruto direto de uma abertura, mas resultado de infiltrações gradativas e constantes possibilitadas por movimentos sociais, pesquisas, construções teóricas e enfrentamentos de sujeitos que não silenciam frente às resistências do Estado e da sociedade.

Assim, era esperado que a categoria gênero fosse uma temática de impacto dentro do curso, margeada por outras que talvez estejam igualmente presentes na sociedade, mas ainda camufladas, devido à negação das pessoas e às tentativas de facções da sociedade presentes e atuantes também nos poderes da República, de conter os avanços de grupos militantes e movimentos sociais.

Abaixo estão citados apenas os impactos trazidos pelas/o alunas/o do polo de Concórdia como sendo as questões de maior significado em sua formação. Alguns participantes citaram até duas temáticas que as/o afetaram mais profundamente, assim o gráfico abaixo apresenta as que foram relatadas:

**Gráfico 2. Temáticas de Impacto definidas pelas/o entrevistadas/o**

Fonte: Elaborado pela autora

O gráfico mostra um crescimento no interesse por temas que discutem violências e sexualidades, e traz ainda indícios de resistências no campo da religião. Essa disciplina foi apontada por algumas entrevistadas como conflituosa, seja pela dificuldade de desconstruir crenças familiares e culturais, como pela resistência de familiares ao assunto.

É que assim a minha família são todos evangélicos né, de uma família bem tradicional, [...] a minha família nunca vai entender dessa forma o sujeito, como o sujeito independente do que ele for né, existe o homem e a mulher, é só isso que é certo, só isso que é correto e ponto, não existe meio termo né, então é bem complicado você abordar esse assunto. (Cursista 3).

O crescimento no interesse pelos temas envolvendo violências e sexualidades pode ser associado ao grande número de mulheres presentes no curso, que a partir dos conteúdos apresentados nas disciplinas foram identificando em suas vivências profissionais e sociais, as diferentes violências naturalizadas na sociedade. Muitas ações e práticas violentas são camufladas socialmente como humor, cultura, e até “cuidado”, passando despercebidas e sendo por vezes praticadas também por mulheres. O reconhecimento e desvelamento dessas práticas permitem a desnaturalização e o enfrentamento da violência em suas diferentes faces.

Considerando que questões subjetivas podem impactar o bom desempenho dos docentes, as relações entre educação, religião e gênero precisam de mais debates para que os “monstros” que ainda insistem em se esconder sejam desvelados.

Nesse sentido, as relações entre educação e religião devem ser as primeiras a serem averiguadas e debatidas, em especial, no que tange ao ensino religioso e o Estado laico. O princípio da laicidade, como ponto de partida das reflexões, revela o potencial perigoso do proselitismo na esfera do ensino

religioso. Ao mesmo tempo, desvela a conexão entre o discurso religioso normativo e a 'pedagogia do insulto' naturalizada na escola. Posicionar-se contra tal pedagogia, em um posicionamento favorável a uma cultura de direitos humanos, parece ser o anúncio de uma nova escola, na qual sua energia, criatividade e estrutura promovam a equidade e o respeito pelas diferenças. (WELTER; CANDIDO, 2015, p.08).

É possível confirmar que a curiosidade inicial com os temas gênero e diversidade sexual, permanceram ao longo do curso e de fato impactaram as/o participantes, sendo os temas mais comentados na pesquisa. Por ser uma temática promotora de deslocamentos e transformações é possível identificar que a curiosidade inicial que trouxe os profissionais ao curso, foi dando lugar a uma gama de sentimentos e conflitos pessoais e profissionais, e possibilitando outras formas de ser/ver/sentir/agir, que serão apresentadas a seguir.

## 5 DIFICULDADES, RESISTÊNCIAS, PRECONCEITOS E TRANSFORMAÇÕES.

A pesquisa iniciou-se com um convite formal enviado por e-mail para as/os cursistas o qual continha informações sobre o estudo e a proposta de participação, que deveria ser respondida com o respectivo interesse e disponibilidade de agenda. Nessa etapa todas as/o cursistas retornaram confirmando participação. Posteriormente foi enviado um breve resumo do projeto, e agendamento das entrevistas. Nessa etapa a pesquisa precisou superar uma dificuldade apresentada pelas/o cursistas ao longo da especialização, o tempo. Para agendar as entrevistas foi necessário conciliar agenda, programar deslocamentos e contar com a disponibilidade das/o entrevistadas/o.

Para duas cursistas que se encontram mais distantes geograficamente foram disponibilizadas outras formas de realizar a entrevista, sendo via e-mail, skype ou telefone. Ambas escolheram participar via e-mail alegando mais facilidade de conciliar com seus afazeres diários. As duas receberam um questionário com nove perguntas para ser respondido, e em cima dessas respostas alguns breves questionamentos poderiam ser reenviados pela pesquisadora, com o intuito de obter mais informações ou exemplos sobre algum ponto. Foi possível observar que essas participantes foram as que mais demoraram para responder a pesquisa. Com a justificativa de falta de tempo, sobrecarga de trabalho e conflitos no ambiente de trabalho, a pesquisa ficou em segundo plano, e as respostas oferecidas foram mais pontuais do que as recebidas das entrevistadas e do participante que vivenciaram pessoalmente a entrevista.

Outra dificuldade das cursistas que participaram via e-mail foi a impossibilidade de tecer comentários e ampliar suas falas com exemplos e provocações para que emergissem de forma mais ampla as questões subjetivas apontadas por estas. Mesmo com o reenvio de comentários e a solicitação de mais explicações sobre suas respostas, essas permaneceram breves e pontuais, essencialmente em uma delas, que demonstrou também uma menor abertura para partilhar suas experiências no curso, questão interpretada na análise posterior das entrevistas, como atrelada a suas vivências e “monstros” interiores.

As/o onze cursistas que participaram da entrevista de forma presencial demonstraram inicialmente abertura e disponibilidade, que foi se reduzindo quando o item tempo entrou novamente em cena. A falta de tempo e sobrecarga é um discurso recorrente e que permeia a prática dos envolvidos. Tendo em vista que o município de Concórdia ainda apresenta muitas



características de uma cidade interiorana com fácil deslocamento, alta qualidade de vida e jornada de trabalho equilibrada, o discurso de tempo entra na pesquisa também como questão subjetiva a ser analisada, pois recortar um tempo para lidar com a temática gera implicações exteriores, como ausência em outros lugares e redirecionamento de atividades prazerosas por vezes, para se envolver em temáticas conflitantes, seja pessoal, profissional ou socialmente, com implicações interiores, como dar tempo para os afetos e os “novos sentires” se acomodarem dentro de si.

Foi elaborado um questionário<sup>11</sup> com nove perguntas, idêntico ao enviado *online*, para servir como roteiro na entrevista, sem engessar a conversa, mas como potencializador caso fosse necessário expandir o discurso da/do entrevistada/o, e como referência para que todas as entrevistas obtivessem as mesmas perguntas, permitindo a análise posterior em resposta aos objetivos propostos na pesquisa. Também foi realizado um pré-questionário para ter dados sociológicos dos participantes a fim de conhecer os contextos culturais nos quais se constituíram como sujeitos nos âmbitos familiar, econômico, social.

Uma das perguntas levantadas foi acerca das dificuldades, em um âmbito pessoal, que as/o participantes da pesquisa enfrentaram por estarem cursando o GDE, e conseqüentemente se percebiam dificuldades para aplicar os conteúdos trabalhados em sua prática profissional. Poucos foram aquelas/e que apontaram dificuldades concretas, e entre elas apareceram a questão do deslocamento, os cuidados com a escrita, embates com tutoria, e a exigência de maior dedicação que o esperado, por conta da demanda de trabalhos do curso.

Uma porcentagem das/o entrevistadas/o apontou a si mesmo como tendo sido a grande dificuldade “enfrentada”. As resistências e limites estavam colocados predominantemente por suas crenças, valores culturais e formas de pensar até então, que precisaram ser enfrentadas para permitir a estadia no curso. Como exemplificam as cursistas 2 e 3 em suas respectivas falas, “Resistência, dificuldade, talvez a maior resistência talvez tenha sido minha assim, de ouvir, entender e aceitar algumas coisas, né [...]”, “ Eu acho que havia um conflito comigo assim, alguns assuntos ali [...]”.

A dificuldade de lidar e se posicionar frente a alguns temas mais mobilizadores para as/o cursistas, também se fez presente em alguns discursos:

Eu acho que havia um conflito comigo assim, alguns assuntos ali, quando a gente foi falar do aborto, então para mim foi muito complicado porque eu quebrei muitas coisas no decorrer da Pós assim, mas eu ainda do aborto, me incomoda, né [...] [...] e também muita dificuldade com os termos da questão de gênero, eu me perco ainda um pouco [...]. (Cursista 3).

---

<sup>11</sup> Disponível em APÊNDICE.

Eu tive muita dificuldade é, nas disciplinas de raça, de me posicionar enfim, tanto é que eu ainda não sei dizer sabe por que, ao mesmo tempo que a gente fala que é uma dívida cultural que a gente tem com a questão de raça principalmente a questão de cotas assim, essas discussões foram muito difíceis para mim travar, tanto é que as notas mostraram (risos). (Cursista 7).

Eu vou te dizer que eu pensei em desistir, quando, lá no final, quando começaram as abordagens com relação ao aborto, para mim foi muito, eu não sei por que eu tenho isso sabe, mas pra mim falar de aborto foi muito difícil, eu não sei por que nunca tive uma situação na minha família nunca, mas assim eu tenho uma dificuldade de posicionamento [...]. (Cursista 11).

Com os relatos frente às dificuldades é possível identificar que os conteúdos mais mobilizadores permaneceram ainda inconscientes, “estranhos” nas/o cursistas. Mesmo com as aulas, discussões e compartilhamentos propiciados pelo curso, estes “esbarraram” em crenças e limites pessoais. Esse recalçamento de alguns conteúdos demonstra a importância do autoconhecimento para trabalhar com temáticas que possuem grande poder de mobilização emocional, a fim de evitar projeções.

A resistência familiar e/ou social também apareceu nos relatos, como dificuldades a serem superadas:

O que foi mais difícil pra lidar é uma situação que eu já venho lidando há muito tempo, que é com a diversidade familiar, [...], a dificuldade: “Tu tá fazendo essa Pós aí pra fazer o quê?” “Ha, vai virar defensora?”, defensora do que? “Há, vai virá defensora do gay, da lésbica?”. Não é isso. (Cursista 4).

Percebemos que entre esses discursos, permanece oculta uma dificuldade que, aos olhos da pesquisadora, margeou a participação das/o entrevistadas/o no curso, a insegurança frente ao desconhecido. Mesmo sendo temáticas discutidas em alguns espaços sociais, ainda são consideradas novas, e as formas como são abordadas permanecem atravessadas por estereótipos e preconceitos, por vezes disfarçados de humor, sátira, ou até valores culturais, [...] ele é homofóbico, mas para mim era normal ele falar aquilo, sabe que a gente tem muita desculpa aqui na região de dizer “ha, é italiano, né!”. (Cursista 11).

Enquanto sujeitos promotores de conhecimento, as/os professoras/es ao compactuarem com essas naturalizações do preconceito, em qualquer forma que se apresente, colaboram para a existência, bem como reprodução deste. Conhecimento e autoconhecimento são bases importantes para promoção de segurança nas/os docentes, e conseqüentemente podem fortalecê-las/os frente ao novo, o desconhecido.

Gênero é um conceito poderoso que, acima de tudo, desmascara as construções sociais a respeito do feminino e do masculino. Falar de gênero implica em questionar por que às mulheres é atribuído um instinto maternal,

se realmente somos uma espécie bissexuada, o que faz com que as meninas sejam mais vulneráveis ao abuso sexual ou por que são os jovens do sexo masculino que arrebentam seus carros e corpos nos postes depois de um *happy hour* na sexta-feira. (SENKEVICKS, 2012, s/p.)

Ao pensar em como falar sobre gênero, e não mais “se” vamos falar em gênero, já se altera o posicionamento frente ao tema, e conseqüentemente o modo como o mesmo será desenvolvido, permitindo que se retire também a superficialidade, a naturalização e as formas limitantes de abordar a temática não só em âmbito educacional, como nas relações sociais, práticas e/ou emocionais, que circulam os sujeitos em diferentes formas de orientação emocional e sexual.

Referente à aplicação profissional foi possível perceber que as/os cursistas estão incluindo as temáticas estudadas em suas práticas de forma lenta e ainda camuflada. As justificativas apresentadas trazem limites do espaço escolar, repressões familiares que a escola acata, falta de oportunidade, e com maior impacto a própria insegurança do cursista em assumir um posicionamento divergente do espaço, ou diferente do que praticava até então. O espaço escolar é um potente limitador, “olha, não sei te dizer, eu acho que talvez ainda não sei a forma de trabalhar gênero no ambiente que eu trabalho”. (Cursista 3).

[...] mas eu percebo que essas famílias são bastante conservadoras vamos dizer assim então não gostam que toquem em certos assunto e aí a escola acaba meio que, que, como eu posso dizer permitindo isso né, e inclusive incentivando que não sejam levantados certos assuntos porque aí vai vim família reclamar é dor de cabeça. (Cursista 13).

Além do espaço, as/o cursista por vezes, também mantém suas limitações, devido a suas inseguranças, medos e dúvidas.

Não, não assim eu acho que eu não estava preparada para isso, não sei se estou, mas pra fazer qualquer, acho que a pessoa precisa, assim como eu passar por esse processo de amadurecimento, desconstrução pra me construir de novo, assim eu não estou pronta, nós nunca estamos, mas acho que assim não faria nenhuma intervenção de chamar atenção assim. (Cursista 11).

Eu acho, teria um pouco a questão da segurança, da gente até tem conteúdo pra falar, mas acho que a propriedade do que a gente vai falar, e o meio que a gente está inserido né, como que eu vou falar de gênero, da diferença de ter um banheiro pra meninos e meninas se não precisaria [...]. (Cursista 1).

As recentes repressões políticas e sociais para suprimir a palavra gênero dos planos de educação no país, após longas lutas para conquistar esse espaço e produzir aberturas na comunidade escolar para discutir essas temáticas consideradas transversais, podem ter tido conseqüências para as/o cursistas, reforçando as inseguranças com os temas. Como apontado no relato acima, o meio em que vivem e trabalham é um forte limitador, e esse meio é uma

fracção de um espaço maior, de um país, uma sociedade com traços históricos de repressões e opressões persistentes, no que tange a gênero, sexualidades e diversidades.

As/o cursistas que já estão aliando sua prática profissional aos conteúdos trabalhados apresentam bons resultados e expectativas de mudança no espaço em que atuam, essencialmente pela recepção que seus estudantes têm das temáticas.

Como são crianças, é bem assim natural, é assunto novo, é a Profe que está falando é assunto sério, mas assim muito bom, não tive nenhum problema de resistência dos pais, nenhum pai veio me tomar satisfação de porque ou não o que eu trabalhei, nem abuso, nem racismo, hã, nem a questão de é, do homossexual, da lésbica, de nada assim, fui bem aceita pelas crianças. (Cursista 2).

O impacto desses posicionamentos é facilmente reconhecido pelas/o entrevistadas/o através da forma como estão ficando conhecidos dentro da comunidade escolar, “Ah, lá vêm a defensora dos gays, ai não podemos fala de fulano de tal porque a .... já vai defende, a .... já vai falar que não é desse jeito” (Cursista 4), “Hã hã, sim, sim e lá no (Instituição) nos já somos conhecidas como...eles não ficam falando muito e fazendo brincadeirinha e piadinha perto da gente, porque eles já sabem que a gente vai se incomodar. (Cursista 7).

Pelos relatos é possível perceber que a sociedade ainda é uma grande promotora de entraves e barreiras, mas que grande parte das dificuldades está presente nos próprios profissionais que, de antemão, visualizam os conflitos e embates que terão que enfrentar caso desejem inserir em suas práticas os conteúdos apresentados. O coletivo hoje se apresenta como limite a ser superado, como foi com o próprio eu das/o cursista lá no início do curso.

Só que a dificuldade mesmo é como que a gente vai, eu como professora no espaço vou utilizar todo esse conhecimento que eu tive, [...], só que eu acho que vai ser bem desafiador depois da Pós, porque depois você vai ser um especialista né, mas e como você vai colocar isso em prática, porque você é uma pessoa né, e o coletivo, você têm que primeiro atingir o coletivo [...]. (Cursista 1).

O meio histórico e cultural fala através dos sujeitos, sendo estes participantes ativo que significa e se constituem como pessoas em determinados espaços culturais, em relação com outros seres falantes (família, religião, amigos, escola, trabalho, etc) (LAGO, 2004). Após conhecidos e reconhecidos os limites e resistências, as/o cursistas puderam apontar de forma consciente e já segura às transformações pessoais e profissionais e principalmente, analisar quais delas haviam sido possibilitadas pelos estudos propostos ao longo do curso.

Dentre os relatos voltados às mudanças pessoais em função dos conteúdos do curso, o que mais emergiu foi a surpresa com as descobertas de pensamentos e sentimentos que habitavam seu próprio interior. Perceber seus próprios preconceitos, que até então eram

inconscientes e puderam se desveladas conforme as temáticas foram sendo apresentadas, produziu profundas repercussões subjetivas, conforme seus relatos.

Os preconceitos descobertos pelos participantes foram introjetados ao longo de seu processo de desenvolvimento, não apenas produzindo-os subjetivamente, mas definindo seus posicionamentos sociais e profissionais. O ato de cursar a especialização em GDE permitiu um estranhamento de práticas tidas como naturais até então, e conseqüentemente, possibilitou o deslocamento de crenças e conhecimentos tidos como certos, possíveis ou ideais.

Em suas falas é possível identificar esses preconceitos internalizados. “Primeiro eu me achava que eu não era tão preconceituosa, e me descobri lá pela metade da Pós que eu era muito preconceituosa ainda [...]” (Cursista 4), “Sim, pra mim foi um choque de realidade, não, eu sempre dizia: “A, mas eu não tenho preconceito”, acho que quando eu dei esse start ali eu percebi, eu tenho preconceito [...]” (Cursista 11), “[...] ha eu tenho gays, são meus amigos eu tenho amigas lésbicas, só que lá dentro você ficava assim, será que mesmo eles não tão errando, será que realmente minha mãe não está certa [...]” (Cursista 3).

[...] até porque eu acho que a gente acaba sendo um pouco preconceituoso, por exemplo, com a questão do, da, de lésbicas e gays que a gente viu na Pós, aquele momento que o professor vestiu, foi com o salto, pra mim foi impactante aquilo também, não a disciplina, mas aquele momento de impacto. (Cursista 1).

Os relatos falam também de preconceitos e estereótipos, de como estes foram se desfazendo com os estudos no GDE, inclusive despertando o desejo por continuar os estudos na área. Quando questionados se perceberam transformações em suas práticas e se estas podem ser associadas ao curso de especialização, o sim foi unânime. Para exemplificar, as palavras da Cursista 2, “Sim! Jamais teria trabalhado violência, abuso sexual com crianças se não tivesse na Especialização”. O Cursista 13 também foi afirmativo em sua resposta, “com certeza, muitas, infinitas transformações (risos)”, e a Cursista 7, “Sim, muito, principalmente essa questão do preconceito, da, é, das brincadeiras que antes eu ficava, por mais que não gostava eu ficava quieta agora eu já consigo me posicionar no sentido de, pera aí não é bem assim”.

[...] eu brincava bastante com esse tipo de piadas, e não as uso mais, e quando um aluno, um colega as usa depois que a gente brincou, fez toda a atividade, eu chego perto e converso com essa pessoa e peço pra ela pensar de outra forma, se fosse ela o objeto da piada oque que iria acontecer e tal, porque pra mim foi uma desconstrução, pra mim foi. (Cursista 4).

Quando esses “monstros” que habitavam o interior da/o cursistas saíram à luz do conhecimento, transformações de ordem sensível, mas essencialmente, comportamentos e

práticas podem ser vistos não se limitando ao espaço de trabalho, mas abrangendo todo o profissional, o pessoal, familiar e se impregnando de diferentes formas, para uns mais contidas e ainda inseguras, para outros já num formato de militância no espaço em que atuam e vivem. Transformações que aparecem também como forma de desconstrução de estereótipos sociais, como no caso do cursista homem, único no Polo que rompe com a ideia de homem igual a machismo, e apresenta um posicionamento divergente do que a cultura binária atribui ao masculino, sentindo-se um privilegiado com o que aprendeu.

Durante a entrevista lhe foi questionado sobre como se sente sendo o único homem que esta finalizando a Pós no Polo de Concórdia.

Há, eu não sei se eu me sinto, como eu me sinto bem assim... Se eu posso dizer que tem algum problema, alguma coisa nisso, talvez eu seja privilegiado na verdade por estar tendo possibilidade por está tendo contato com esses assuntos de está olhando o, conteúdos, debates, questão social e um, uma nova perspectiva né. Inclusive podendo a partir deles identificar certas questões, de construções culturais, construções históricas sociais de preconceito, de postura que favoreça a desigualdade presente em mim por ser homem né, de reproduzir então um machismo, alguma coisa assim. Então acho que posso me, me entender como privilegiado mesmo de ter conseguido continuar, de ter levado adiante e estar finalizando o curso. (Cursista 13).

Esses relatos, obtidos através das entrevistas com as/o cursistas, são exemplos do impacto social que cursos como o GDE podem ter. Apontam a importância para as especificidades dos estudos de Gênero e Diversidade na Escola e como são ímpares na forma(ação) dos sujeitos, na composição dos educadores. Assim, não podemos mais nos limitar a refletir se é ou não possível, se é ou não ideal, se é ou não permitido falar em gênero, mas nas melhores formas de fazer isso.

## 6 REFLEXÕES SOBRE SUBJETIVIDADE: QUESTÕES SIMBÓLICAS E EMOCIONAIS

Quando propomos uma reflexão acerca de subjetividades, é preciso dar ciência de que pensamos a subjetividade em acordo com a concepção de Félix Guatarri e Suely Rolnik, “(...) subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo” (GUATARRI e ROLNIK, 1996, p. 31). Como propõem o/a autor/a, subjetividade não é algo que está fixado na pessoa, mas um processo vivo e dinâmico que se dá em suas relações com o outro, “(...) a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social” (GUATARRI e ROLNIK, 1996, p. 31).

O outro pode ser compreendido como o outro social, mas também como a natureza, os acontecimentos, as invenções, enfim, aquilo que produz efeitos nos corpos e nas maneiras de viver. Tais efeitos difundem-se por meio de múltiplos componentes de subjetividade que estão em circulação no campo social. Por isso mesmo, esse autor complementa sua análise dizendo que a “subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social”. (MANSANO 2009, p.111).

Os sujeitos participantes da pesquisa se constituíram e se subjetivaram com potentes elementos culturais naturalizadores, preconceituosos, opressores ou violentos, e mesmo os mais atentos reproduziam em algum nível esses elementos em seus discursos e comportamentos. Hélio Rebello Cardoso Jr. (2005, p.344) nos aponta em sua leitura de Foucault que, “[...] toda experiência que concretiza uma subjetividade envolve modos historicamente peculiares de se fazer a experiência do si (subjetivação)”, ou em outras palavras:

Desse modo, e para fixar os termos postos em jogo, digamos que o problema da subjetividade em Foucault pode ser equacionado de maneira fiel pelas seguintes fórmulas: toda subjetividade é uma forma mas essa forma é simultaneamente desfeita por processos de subjetivação, enquanto a forma-sujeito é captada pelos saberes e poderes, a subjetivação é um processo pelo qual a subjetividade mantém uma reserva de resistência ou de fuga à captação de sua forma. (CARDOSO JÚNIOR, 2005, p.344).

As questões subjetivas, os modos de subjetivação propostos por Foucault, não podem ser pensados de forma universal, mas atravessados pela dimensão histórica. No caso de alguns cursistas residentes em comunidades do interior, em que muitas vezes concepções tradicionais de vida familiar e comunitária presa a valores patriarcais são dominantes, essa dimensão histórica e cultural permanece ainda de forma muito intensa, delineando e delimitando os modos de viver e se subjetivar de seus habitantes. Dessa forma, dificultam inclusive a

potência de transformação e convivência de moradoras/es dessas comunidades, ficando como destino das/os “diferentes” a mudança e o abandono desses espaços, conforme aponta a Cursista 12, “É, eu acho que sim, e esse que é o mais, o maior tabu ainda é, a gente tem muito aluno que saiu daqui, hoje são homossexuais, mas saíram daqui, moram longe [...]”.

Porém a partir dos estudos no curso em GDE e da percepção dos limites presentes nesse espaço, ainda que o mesmo permaneça conservador, as/o cursistas que habitam esse local, e se empoderaram com os conhecimentos obtidos, podem além de se reinventar, recriar o espaço, alterando os modos de subjetivação presentes, e posteriormente resistir às pressões sociais opressoras e naturalizadoras.

Foucault deixa entender, após seus estudos do sujeito sob um prisma arqueológico e genealógico, que é possível compreender a formação de novas subjetividades a partir de mecanismos que fogem, resistem ou aderem a uma massificação maquínica de subjetividades. Existem, dentro de toda investida de formação de subjetividades homogêneas, possibilidades de resistências, possibilidades de problematizações, possibilidades de recriações de si. Mas para isso é necessário desenvolver, sempre e em todo tempo modos novos e atualizados de relação consigo e com o outro, relação que problematiza, em um primeiro momento, a relação do sujeito consigo mesmo para, em um segundo momento, problematizar a sua relação com o mundo. (OLIVEIRA, 2011, p.11).

Os elementos simbólicos aqui serão pensados como importantes aparatos para compreensão das formas de ser e sentir dos sujeitos, como elementos de representação, no caso dos cursistas a forma simbólica como estes receberam os conteúdos, formando no final o misto entre suas crenças e pensamentos internalizados e constituintes, o conteúdo acadêmico apreendido e os sentimentos e afetos que nasceram a partir dessas vivências.

Um dos relatos mais apresentados nas falas foi a experiência com uma sandália de salto alto, utilizada em uma das primeiras aulas por um dos professores do curso. O professor adentrou a sala trajando roupas masculinas e nos pés o salto alto, fez os cumprimentos iniciais e seguiu dando sua aula. Os temas trabalhados foram diferenças, diversidade e interculturalidade. Nenhum questionamento direto foi feito ou explicação oferecida, ali o corpo do educador representou a lousa e giz, e de forma performática suas explicações acerca das diversidades iam adentrando as/os estudantes e demonstrando o que viria pela frente com o curso.

O choque produzido pelo objeto, historicamente associado a mulher, símbolo de beleza e poder, ocupando o pé de um homem, representante do conhecimento acadêmico, (professor), deslocou os cursistas da zona de conforto que ainda invadia o curso até aquele momento, levando alguns à desistência e outros ao confronto vivo com seus monstros



adormecidos. Segundo a Cursista 11, “[...] quando eu percebi que era uma coisa assim para mim saber mais foi na aula do professor Jair, que foi muito, porque aí quando, a situação da sandália, é, aquilo pra mim mudou minha vida, nunca vou esquecer [...]].

É foi meio assustador, é uma coisa que eu tenho de choque assim de choque do início sabe, aí depois quando você começa conviver e você começa conhecer, realmente sabe por que essa história de eu tenho amigos gays e amigas lésbicas, não te dão nada [...]. (Cursista 3)

Esses confrontos transitaram por toda a Especialização levando o curso a ser apontado como um divisor de águas na vida pessoal e profissional de várias pessoas entrevistadas, conforme aponta a Cursista 5, “Acho que é um divisor de águas, em tudo, desde a tua percepção de vida, desde o teu trabalho com outras pessoas.”

A atuação docente, como em algumas outras profissões, envolve não apenas o conhecimento intelectual, mas o corpo em si, pois requer um posicionamento, uma implicação que escapa às apostilas e materiais pedagógicos e invade a imagem direta da/o profissional. A forma como se porta, com se veste, fala e pensa, complementa o ideal que os alunos, pais e a sociedade vão formar e conseqüentemente também rege as atitudes “permitidas” e/ou esperadas. Dessa forma, frequentemente a manifestação de pensamentos e conhecimentos sobre diversidades e gênero, expõe o/a professor/professora também fora de sala de aula, enquanto cidadã/o.

Deslocar-se da posição de “suposto saber” do docente, para aprendiz/aluno, e retornar à rotina de estudos compõe movimentos que atravessam a construção de um professor cotidianamente, porém quando essa proposta envolve suas crenças e culturas, estudar não é apenas se capacitar, mas essencialmente revisitar antigas construções e remodelar paradigmas. Como aponta Paulo Freire (2001, p.264.) “Estudar é desocultar, é ganhar a *compreensão* mais exata do objeto, é perceber suas relações com outros objetos. Implica que o estudioso, sujeito do estudo, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recria”.

Esse desocultar no processo do curso em GDE revelou não só conhecimento, como algumas inseguranças. Quando questionados acerca da segurança e do quão preparados se sentem, a maior parte das/o cursistas entrevistadas/o relataram não se sentirem aptas/o ainda para falar sobre gênero e diversidades. Partilham a necessidade de estudar mais, como se conhecimento fosse à base da sua segurança e esta ainda não estivesse forte suficiente para sustentá-los socialmente nessas temáticas.

[...] essa questão de gênero, eu faço algumas conversas assim com minhas colegas, quando elas aceitam eu vejo que consigo discutir bem assim, e quando alguma reação contrária assim eu já me aquieto, fico mais

constrangida, então eu acho que se um dia for para sala de aula trabalhar gênero, não sei como que vai ser, não me sinto 100% pronta. (Cursista 9).

Eu acho que não estaria pronta para isso, [...] teria que primeiro estudar um pouquinho mais depende a temática que você vai expor, não digo que não poderia estar expondo, com certeza, mas é, é, um desafio, aí eu acho que sim, mas acho que futuramente. (Cursista 12).

Diante dos relatos é possível perceber que os sujeitos foram se (re)construindo ao longo da Especialização, porém esse processo não se encerra de forma pontual, como o curso. A abertura produzida ao longo do percurso segue seu fluxo transpondo a formação. A aquisição do diploma, bem como da titulação de Especialistas não representa o aval definitivo para lidar com as temáticas, pelo contrário, expõe de forma mais acentuada os limites existentes em relação a esta. O receio frente à possibilidade de enfrentamento, e o medo de ser mal interpretado/a mantém ainda silencioso o Polo de Concórdia. Como a criança que se esconde sobre os cobertores para não ser vista pelo monstro do armário, algumas/uns cursistas ainda se ocultam nos velhos estereótipos sociais que já possuem.

As/o entrevistadas/o foram questionadas/o acerca de como a família recebeu a notícia, a Cursista 1 relata, “Se eu te contar que eu nem contei [...]”, e a Cursista 11 aponta em sua fala a necessidade de passar a se posicionar:

[...] antes a tua pergunta foi, tu te posicionou em algum momento com relação a essas falas, acho que e eu preciso disso, acho que até por conta, não de confirmação pra mim mas eu acho assim que pra ajudar mesmo as pessoas a pensar sobre isso, eu preciso fazer intervenções quando eu ouço assim, mas eu ainda não me sinto preparada [...]. (Cursista 11).

A possibilidade de reconhecer essas dificuldades e ter ciência que isso pode impactar tanto o posicionamento social, quanto a atuação profissional, permite que os cursistas estejam atentos aos seus limites, e exercitem a prática do “cuidado de si” foucaultiano, que ao invés de limitar, potencialize suas intervenções e atuações.

Aos nossos ouvidos, fórmulas como "ocupar-se de si mesmo", "encontrar prazer em si mesmo" ou "respeitar-se" soam como afirmação de um estado de isolamento, como incapacidade de sustentar uma moral coletiva. Mas, para os antigos, "ocupar-se de si mesmo" se define como um modo de viver *com os outros*, implicando uma "intensificação das relações sociais" (FOUCAULT, 1984a, p.58-59 apud CAVALCANTI, 2004, p.56).

Para finalizar a entrevista, foi colocada uma questão aberta que possibilitou às/o cursista/s falar do GDE de forma ampla, conforme seu desejo, fosse ele de críticas ou elogios, fosse de desabafo ou solicitações. Nesse momento o discurso formal e polido deu lugar a falas mais sensíveis, que demonstraram um envolvimento das/o estudantes com os diversos módulos do curso, com os conteúdos, as/os professoras/es, a instituição, tutoras/es. Mas

principalmente, com o espírito de luta e militância que marcou todo o processo de aprendizado, especialmente quando a proposta educacional deu lugar a uma luta política, social e pessoal frente às vivências no nível micro, família e comunidade, mas também no macro, em relação ao momento político do país e do mundo, com fortes reações conservadoras em várias dimensões sociais.

Considerando a importância dessas falas, e a implicação subjetiva que apresentam, ao invés de trechos que embasem o discurso aqui apresentado até então, serão compartilhadas falas, mesmo as mais breves falas finais de todos os participantes.

Eu acho que a Especialização para mim foi uma, um grande desafio em vários sentidos, em vários momentos a gente passou por alguma coisa diferente que acabou desconstruindo algo que já vinha naturalizado há muito tempo, e eu acho que foi muito boa assim, eu indicaria com certeza pra qualquer pessoa porque o conhecimento adquirido foi muito bom. (Cursista 1).

Foi uma Especialização muito boa, gostaria que continuasse para que mais pessoas pudessem usufruir desse conhecimento, que as pessoas fossem mais persistentes que não desistissem no primeiro tema, a, acho que isso não é importante, que as pessoas realmente buscassem para soma, né, que fizessem a diferença porque faz a diferença [...]. (Cursista 2).

Então a Pós para mim foi bem desafiadora, e também quero fazer mais coisas nessa área. (Cursista 3).

Nossa, estou aproveitando a temática desde o primeiro encontro [...], agora eu já não me sinto mais tão perdida quanto eu estava no início (risos). (Cursista 4).

E acho que é um divisor de águas, em tudo, desde a tua percepção de vida, desde o teu trabalho com outras pessoas, e com certeza é uma característica que eu já tinha mas que se ampliou, de sempre me colocar no lugar do outro antes de qualquer questão, antes de julgar, antes de falar, até porque ninguém tem direito de julgar ninguém, então assim isso mudou muito pra mim, eu já tinha essa característica mas ficou mais evidente agora [...]. (Cursista 5).

Estava admirada assim com o curso, porque eu adorei, realmente eu me encontrei [...]. (Cursista 6).

Continuo dizendo, né, que a gente deveria continuar o curso, porque foi fantástico, foi um crescimento assim, é eu sempre falo que eu sou outra pessoa depois que eu comecei a Pós sabe, eu comecei a perceber o mundo de outra forma assim né, o simples fato de admitir os meus pré-conceitos e começar a trabalhar eles assim, e perceber que não é como eu penso, e que eu posso contribuir muito mais, tipo, eu só tenho a agradecer a oportunidade, eu sou muito feliz de poder ter feito a Pós, poder ter participado, ampliou assim minha mente. (Cursista 7).

Ótima, uma pena muitas pessoas terem desistido. Aprendi muito, me tornei uma pessoa muito melhor. (Cursista 8).

Mas acho que tudo valeu a pena, tudo, tudo foi muito bom assim. (Cursista 9).

[...] vejo que muita coisa mudou que no decorrer do curso fui desconstruindo, ideias, falas e meu preconceito, pois mesmo dizendo não o ter, trazia um discurso muito pronto, no qual me incomodavam certas atitudes de meus educandos, seus comportamentos e posturas, frente às questões de diversidade. Assim, posso dizer que reconheço hoje a necessidade de trabalhar na escola tais temáticas [...]. (Cursista 10).

Eu percebi nessa minha fala o quanto a Especialização foi importante para essa minha desconstrução e processo de construção de novo [...]. (Cursista 11).

Eu aprendi muito Rosana, que posso dizer, aprendi muito, tem ainda que aprender né, mas é um curso muito bom, só aprendi coisas novas [...]. (Cursista 12).

Olha eu acho assim, o que eu posso dizer de impressões gerais, eu fiquei muito contente na verdade com o curso, acho que ele atendeu as minhas expectativas né, atendeu muito bem inclusive [...]então nesse momento que a gente vive essa falta de empatia que eu percebo pelo menos né, eu sinto na sociedade, nas instituições de ensino no ambiente educacional, acho que essa Pós vem a somar muito, é uma pena que não há muita perspectiva de continuidade por questões políticas que vem acontecendo [...]. (Cursista 13).

Assim, com esses relatos que, além de apontar os desafios vivenciados e as transformações sentidas pelas pessoas que realizaram o curso, atribuem as mudanças aos estudos realizados no GDE, é importante concordar com Sonia Mansano (2009, p.116) quando afirma “Essa produção incessante atualiza a potência coletiva para transformar a realidade social”, reforçando a ideia de que cursos nessa linha, encontros, espaços de reflexão e desconstrução, práticas que potencializem e empoderem, são necessárias e, principalmente, são possíveis geradoras de transformação social e cultural. É no trabalho com o coletivo que podemos mudar, rompendo com estereótipos e estruturas como o machismo, impregnadas já há tempo demais em nossas sociedades.

Ainda utilizando a reflexão acerca das subjetividades e modos de subjetivação de Foucault trazida por Sonia Mansano (2009, p.114), “cabe perguntar: quais modos de vida precisam ser abandonados e quais outros pedem passagem em nossos dias? Qual a potência que temos para produzir outros modos de existir e colocá-los em circulação no social?”.

Com os relatos obtidos podemos responder que os modos de vida que passaram a habitar os cursistas e hoje pedem passagem nas escolas, na sociedade concordiense e outros espaços, compreendem a possibilidade de ser no coletivo, na pluralidade que o humano consegue atingir em interações livres de restrições e opressões. Como educadores e profissionais que atuam em instituições escolares temos em nós a potência capaz de gerar

mudanças e cabe a todas/os nós a ampliação desses possíveis. É a partir do olhar sobre nós mesmos, do autoconhecimento e desenvolvimento pessoal que se constitui um bom professor, um bom profissional. Enfim reconhecer nossos monstros e colocá-los ao alcance de nossa percepção permite que andemos juntos, que reconheçamos os riscos e pontos escuros que ainda precisamos investigar para evitar projeções de nossas sombras nos alunos e/ou em outros.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar e pesquisar é sempre um processo de implicação e até sacrifícios. Priorizar tarefas ao invés de prazeres por vezes requer abstinências e ausências. Socialmente a ganância intelectual é vista com peso, como algo que desgasta e gera pouco retorno, principalmente no campo financeiro. Porém quando as temáticas tocam um campo sensível e produzem sentido no ser/sentir dos sujeitos, esse peso pode se transformar em sopro e guiar as/os estudantes para diferentes patamares de conhecimento e comportamento, evoluindo não apenas os que estudam, mas os processos educacionais como um todo.

Se estudar, para nós, não fosse quase sempre *um fardo*, se ler não fosse uma obrigação amarga a cumprir, se, pelo contrário, estudar e ler fossem fontes de alegria e de prazer, de que resulta também o indispensável conhecimento com que nos movemos melhor no mundo, teríamos índices melhor reveladores da qualidade de nossa educação. (FREIRE, 2001, p.267).

Conforme Paulo Freire demonstra, os cursistas da especialização em GDE, mesmo em meio aos amargores produzidos pelas temáticas, persistiram e por fim conseguiram sentir esse prazer que os estudos e os rompimentos de velhos engessamentos podem gerar. Mesmo permeados por inseguranças e medos, seguiram o desejo de estudar e conhecer mais sobre esses temas exilados no campo escolar, ou negados por educadoras/es que como âncoras seguraram o barco da educação. Após os dois anos do curso em GDE, relatam sentimentos de superação e satisfação o percurso.

Com as análises das entrevistas dos cursistas, é possível perceber o grande impacto dos estudos em gênero e diversidade promovidos pelo curso de especialização no oeste catarinense, respondendo assim ao objetivo geral proposto na pesquisa, e confirmando a hipótese inicial. O desconhecido, novo e assustador, foi se transformando em desconforto, angústia, dúvidas e, por fim, culminando em transformações positivas que geraram além de autoconhecimento, o desejo de transformar a prática profissional e os posicionamentos na família e na sociedade.

Esses sentimentos conflituosos e estranhos que emergiram no/as cursista/s, e que alimentam ainda algumas inseguranças, precisaram de escuta e cuidado, seja por parte do corpo docente do curso em GDE, com sensibilidade para reconhecer dificuldades apresentadas por cursistas, que não se limitavam à mera compreensão dos conteúdos. Seja por parte das/o colegas que, com diálogos e compartilhamento de experiências acolhiam e

“cuidavam” uns dos outros, seja por amparo e apoio familiar e/ou social, ou com busca de ajuda profissional, como a psicológica, para dar conta das descobertas. Desse último recurso apenas uma cursista relatou ter feito uso, sendo uma demanda ainda em aberto e um espaço que as cursistas da área de psicologia podem acolher, expandindo os conhecimentos do curso, do campo educacional para o clínico.

Independente de qual foi a estratégia adotada, o cuidado de si é imprescindível na vivência dessas experiências de desconstrução e ressignificação de conteúdos e crenças. A partir de suas leituras de Alcebíades<sup>12</sup> e Foucault, Gilberto Benedito de Oliveira (2011, p.82) conclui que “O cuidado de si, de forma alguma, tem por finalidade isolar o eu do mundo e de suas relações com o mundo, mas através da presença do outro, o cuidado de si é quem nos permite bem atuar no mundo e atuar juntos ao outro”. Dessa relação surge o que Foucault chama de reciprocidade.

Quem se ocupa consigo – é o que acabei de lhes mostrar – torna-se capaz de ocupar-se com outros. Há, por assim dizer, um vínculo de finalidade entre ocupar-se consigo e ocupar-se com os outros. Ocupo-me comigo para poder ocupar-me com os outros. (FOUCAULT, 2004, p.216).

Dessa forma, fica evidente que no diálogo com Alcebíades, Sócrates expressa a ideia de que o cuidado de si é importante para exercer a liderança, em essência só cuida dos outros quem cuida bem de si (FOUCAULT, 2004). Essa filosofia direcionada ao campo da educação é base para justificar nossa tese de que um bom educador se faz também a partir de autoconhecimento e esforço para evitar certas projeções pessoais. E em se tratando de uma posição de liderança frente aos estudantes, o/a educador/a que cuida de si conseqüentemente educa/cuida melhor dos demais.

Infelizmente, “a cultura pedagógica não se volta para a compreensão de questões íntimas dos estudantes, como desejos e preocupações sexuais” (FOUCAULT, 1984 apud SANTOS, 2010, p.75). Porém esses elementos precisam ser repensados e reformulados, pois quando a pedagogia se isenta de sua compreensão, pode se tornar mantenedora e até promotora de violências sexuais, de gênero, classe, raça/etnia, etc., e de forma descuidada, transformar o ambiente escolar em palco para esse tipo de prática. Assim como a equipe do curso em GDE cuidou de questões simbólicas, emocionais e até sexuais dos seus cursistas, colocando tutores que, além de conhecimento teórico, expressavam diversidade em seus corpos, e professores que problematizavam os estereótipos com dinâmicas e vivências, podem

---

<sup>12</sup> Platão. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-09102015-140733/pt-br.php>

os futuros especialistas através da junção conhecimento/emoção/corpo, transformar a forma como a cultura pedagógica compreende o educar.

Sabendo que as projeções se esgotam conforme adquirimos consciência e ciência do que “fala” em nós, cursos como o GDE que possibilitem aos envolvidos a apreensão de conteúdos e o “conhecimento de si”, promovem segundo as/o entrevistadas/o, transformações subjetivas nos discentes. Isto porque além dos conteúdos, o curso “fala” verdadeiramente, através das/os professores, das/os tutores e demais envolvidos que ocupam lugares de conhecimento e também são marcados pelos estereótipos sociais, sendo estes mulheres, negras/os, gays, transexuais, pessoas com deficiência, etc.

O dizer verdadeiro é falar ao outro de maneira que ele possa constituir uma relação autônoma, independente e satisfatória consigo mesmo. Seu objetivo é fazer de modo que aquele a quem se fala *acabe não precisando mais ouvir esse discurso, porque ele foi verdadeiro*. Quando um discurso verdadeiro é transmitido, é possível, interiorizando-o, subjetivando-o, dispensar a relação ao outro. A verdade garante a autonomia daquele que ouviu as palavras em relação àquele que as pronunciou (CAVALCANTI, 2004, p.60).

Os sujeitos que vivenciaram essa experiência apontaram-na como sendo um “divisor de águas” em suas vidas. O grande impacto se deu pela descoberta de limites e práticas que propagavam formas de violências, preconceitos, racismos e outros, permitindo-lhes afirmar que dentre todos os propósitos do curso, o autoconhecimento foi um adicional, que escapou ao conteúdo programático, levando a especialização a um patamar ideal de formação. Uma formação que pode dar conta do sujeito aluno/a, do profissional professor/a e dessa interação social em torno do educar.

Segundo Félix Guatarri e Suely Rolnik, (1996, p.34) “Não existe uma subjetividade do tipo ‘recipiente’ em que se colocariam coisas essencialmente exteriores, as quais seriam ‘interiorizadas’”. Essas “coisas” interferem e se tornam elementos constitutivos da subjetividade, passando a compor o indivíduo enquanto ser social. Assim, a forma como o curso em GDE se articulou, fez dele um elemento gerador de impacto e transformações subjetivas nas/o cursistas.

A descoberta de pensamentos estereotipados e crenças que julgavam inexistentes, o reconhecimento desses como fenômenos sociais camuflados, mas abundantes ainda na nossa sociedade, de acordo com os relatos promoveu transformações diretas na prática dos docentes. A junção de dificuldades com os resultados que quem ousou se “mostrar”, vem colhendo são importantes os motivadores emocionais para lidar com resistências que ainda persistem, pois comprovam que ao lidar com questões subjetivas que possam interferir em seu bom desempenho, os educadores conseguem aplicar e gerar mudanças seja no campo profissional



ou pessoal, plantando sementes, e potencializando alguns regadores, novos plantios são possíveis nos espaços educacionais e sociais no que diz respeito à diversidade, gênero, etc.

Posso apontar que a transformação subjetiva vivida por mim e de maior impacto foi o reconhecimento e a apropriação do adjetivo “feminista”. Os estudos sobre os movimentos sociais se encontraram com as memórias de experiências práticas com movimentos como “Marcha das vadias”, permitindo os *insights* e o reconhecimento de um posicionamento e designação até então evitados. Também foi possível reconhecer práticas e atitudes familiares que de forma despreziosa me guiaram para a forma de pensar e me posicionar socialmente hoje. Perceber que mesmo constituída como sujeito em uma cultura conservadora, patriarcal e machista, um homem foi responsável pelos meus ideais feministas, permitiu o rompimento com os estereótipos sociais sobre homens e machismos, e se afirmou em mim como uma das maiores transformações subjetivas vividas na especialização em GDE.

Essas descobertas foram propiciadas pelo curso, pois este transformou em experiência o que em muitas formações é apenas teoria. Conhecimentos acadêmicos e sentimentos pessoais se misturam e atravessam as/os cursistas, sendo professoras/es ou não, e se instalam na prática e na “pele” com a mesma profundidade.

Através das falas das/o cursistas foi possível observar a demanda existente no âmbito educacional e no espaço social da região. Como as/o entrevistadas/o apontaram, esses diálogos ainda são demasiadamente escassos e repelidos, ora pelas figuras de poder das escolas, ora por colegas resistentes, ou familiares conservadores. As alterações nos currículos, nos programas enviados as escolas, ou mesmo nas propostas curriculares ainda são insuficientes, e considerando os processos históricos, a tendência é que permaneça lenta e oscilando entre progressos e retrocessos<sup>13</sup>. Portanto, o grande passo talvez esteja nos educadores, na transformação das práticas e na potência que esses agentes do educar podem gerar.

É importante reforçar constantemente a ausência das diversidades na educação, e a resistência que os educadores têm com essas temáticas. Os números de inscrições e desistências do curso em GDE são indícios das resistências ainda presentes nesses

---

<sup>13</sup> Todo e qualquer livro didático que entra numa escola pública tem de ser submetido a um painel de avaliação do Ministério da Educação. Nesse painel de avaliação há uma série de critérios de reprovação dos livros, até critérios como homofobia. Um livro que seja racista, que seja homofóbico, que discrimine, é reprovado. No entanto, nós levantamos todos os livros didáticos que foram distribuídos pelo MEC para as escolas públicas brasileiras e os analisamos. A pergunta era: como a diversidade sexual aqui se expressa? E a nossa resposta: ela não se expressa. Não existe diversidade sexual nos livros didáticos. O mundo é heteronormativo. A reprodução é reprodução social assentada na reprodução biológica, é simples assim. O binarismo de gênero é constitutivo da ordem social. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2011, p.128).

profissionais. A entrada de cursistas de outras profissões, não da educação, demonstram a importância de construir ligações com diferentes áreas visando fortalecer essas lutas e não mais separar papéis, como aconteceu nas escolas ao longo da história. Trabalhos multidisciplinares, intervenções multiprofissionais podem potencializar tanto o ensino-aprendizagem como o fortalecimento do agente educador, com consciência, ciência e por fim estratégias eficientes, e principalmente efetivas.

Correndo o risco de produzir pensamentos clichês, reforço a partir das minhas transformações subjetivas e da consciência que, como propõe Simone de Beauvoir (1980, p. 09), “ninguém nasce mulher”, também não somos segundo Freud (1976, p.178) “senhores em nossa própria casa”. Existe um inconsciente que nos governa e que não é isento das naturalizações sociais. Assim é preciso sempre reforçar a necessidade de empoderar as mulheres, em suas variadas cores, etnias, culturas, feminilidades, em todos os espaços que ainda abrigam os marcos históricos de violência e opressão. É preciso desvincular o machismo do masculino; desvincular as noções de pecado e disfunção das práticas homoeróticas; reforçar que o negro é bonito e combater outros tantos estereótipos construídos para marginalizar, segregar e violentar. É preciso tornar-se mulher, tornar-se homem, tornar-se professor. Existe um autorizar-se que escapa aos diplomas e certificados, e é regido em essência pela segurança que o indivíduo tem em suas habilidades e conhecimentos.

Assim, conclui-se que estudar gênero, ou ensinar gênero e diversidade é antes um trabalho de introjeção, é um sentir que se refletirá na posição de educador e, aliada ao conhecimento científico e a uma formação continuada, moldará um educar melhor. Uma prática de educar, acolhedora, empoderadora e promotora de saúde, diversidade, qualidade de vida e, por fim, possibilidade de ser sujeito no mundo, independente da orientação sexual e de gênero.

## 8 REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. v. I. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. Disponível em: <[https://ead2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/60437/mod\\_resource/content/1/segundo%20sexo.pdf](https://ead2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/60437/mod_resource/content/1/segundo%20sexo.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2016.

BUTLER, Judith, **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 3ª ed., 2010.

CARDOSO JUNIOR, Hélio Rebello. **Para que Serve uma Subjetividade?** Foucault, Tempo e Corpo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 2005. 18(3), pp. 343-349. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a08v18n3.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2016.

CAVALCANTI, Margarida Tavares. **Sobre o "dizer verdadeiro" no espaço analítico**. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 55-72, Jan. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982004000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982004000100004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 03 nov. 2016.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicologia e diversidade sexual: desafios para uma sociedade de direitos** / Conselho Federal de Psicologia. - Brasília: CFP, 2011. Ed. 1º. 244 p. Disponível em: <[http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2011/05/Diversidade\\_Sexual\\_-\\_Final.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2011/05/Diversidade_Sexual_-_Final.pdf)>. Acesso em: 03 mai. 2016.

FERREIRA, Jonatas; HAMLIN, Cynthia. **Mulheres, negros e outros monstros: um ensaio sobre corpos não civilizados**. *Revista Estudos Feministas*, vol. 18, núm. 3, septiembrediciembre, 2010, pp. 811-836. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2010000300010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2010000300010)>. Acesso em: 07 out. 2016.

FREIRE, Paulo. **Carta de Paulo Freire aos professores**. *Estud. av.*, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 259-268, Ago. 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142001000200013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000200013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 03 jul. 2016.

FREUD, Sigmund. "O Inquietante" In: **História de uma neurose infantil: (O homem dos lobos)**: além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Volume 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. **O Estranho**. Obras completas, (1919), ESB, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/freud-das-unheimliche-1919-o-estranho.html>>. Acesso em 03 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. “Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917)”. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (ESB) Volume XVII**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1976.

FOUCAULT Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes. Gros; tradução Márcio Alves da Fonseca. Salma Tannus Muchail. - 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2006. Disponível em: <<https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/foucault-m-a-hermenc3aautica-do-sujeito-escaneada.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. **O cuidado de si**. História da sexualidade III. 1984a/1999. Rio de Janeiro: Graal.

GONZÁLEZ REY, F. G. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo, 2003, Pioneira Thompson.

GRAUPE, Mareli; BRAGAGNOLLO, Regina. **As Diferenças de Gênero no Espaço Escolar**. Unidade 2: Gênero e Educação. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / Departamento de Antropologia / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015. Livro didático. Inclui bibliografia Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, modalidade a Distância. 1. Gênero. 2 Diversidades 3. Escolas. Disponível em: <[https://ead2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/68344/mod\\_resource/content/1/As%20Diferen%C3%A7as%20de%20G%C3%A7%C3%A7o%20no%20Espa%C3%A7o%20Escolar%20unidade%202.pdf](https://ead2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/68344/mod_resource/content/1/As%20Diferen%C3%A7as%20de%20G%C3%A7%C3%A7o%20no%20Espa%C3%A7o%20Escolar%20unidade%202.pdf)>. Acesso em: 02 nov. 2016.

GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Zigelli; LOZANO, Marie-Anne Stival Pereira e Leal. **O desafio de estudar gênero e diversidade a distância – analisando dados do curso de extensão à distância GDE/UFSC 2012/2013**. Introdução à Tecnologia de Ensino a Distância. Unidade 4. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / Departamento de Antropologia / Centro de Filosofia e Ciências Humanas/UFSC, 2015. Livro didático. Inclui bibliografia Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, modalidade a Distância. Disponível em: <[https://ead2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/58688/mod\\_resource/content/4/Unidade%204.pdf](https://ead2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/58688/mod_resource/content/4/Unidade%204.pdf)>. Acesso em: 05 out. 2016.

GUATARRI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. Disponível em: <<https://grupodeestudosdeleuze.files.wordpress.com/2014/09/guattari-fc3a9lix-caosmose-um-novo-paradigma-estc3a9tico-1.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

GUATARRI, Félix. ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes. 1996. 4Ed. Disponível em: <[https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjA1r7L35TQAhWHWpAKHayAAvEQFggdMAA&url=https%3A%2F%2Fmoodle.ufsc.br%2Fpluginfile.php%2F1064654%2Fmod\\_folder%2Fcontent%2F0%2FTextos%2520-%2520aula%252013%2FGUATTARI%2C%2520Felix%253B%2520ROLNIK%2C%2520Suely.%2520Cartografias%2520do%2520desejo%2520%255Blivro%2520completo%255D.pdf%3Fforcedownload%3D1&usg=AFQjCNFF-08iGWJ-m-zEvkrXPrC5ZPsVRw&sig2=kFrA6DYOW72uTiMKihZwWg](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjA1r7L35TQAhWHWpAKHayAAvEQFggdMAA&url=https%3A%2F%2Fmoodle.ufsc.br%2Fpluginfile.php%2F1064654%2Fmod_folder%2Fcontent%2F0%2FTextos%2520-%2520aula%252013%2FGUATTARI%2C%2520Felix%253B%2520ROLNIK%2C%2520Suely.%2520Cartografias%2520do%2520desejo%2520%255Blivro%2520completo%255D.pdf%3Fforcedownload%3D1&usg=AFQjCNFF-08iGWJ-m-zEvkrXPrC5ZPsVRw&sig2=kFrA6DYOW72uTiMKihZwWg)>. Acesso em: 06 nov. 2016.

JUNG, Carl Gustav. Obras Completas. Volume VII. **Estudos Sobre a Psicologia Analítica**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

LAGO, Mara Coelho de S. **De sujeitos e identidades: diálogos entre Ciências Humanas e Psicanálise**. In: RIAL, Carmen Sílvia M. e TONELI, Maria Juracy F.(orgs.) Genealogias do Silêncio: feminismo e gênero. Florianópolis, Ed. Mulheres, 2004. p.73-78.

LOZANO, Marie-Anne Stival Pereira e Leal; SILVA, Izabelle; CARVALHO, Suzy. **O desafio de estudar gênero e diversidade a distância - o caso GDE/UFSC**. In: ZIGELLI, O. R.; GRAUPE, M. E.; GROSSI, M. P.. Desafios da formação em Gênero, Sexualidade e Diversidade Étnico-Raciais em Santa Catarina. Tubarão: Copyart, 2014. p.55 – 86.

MANSANO, Sonia. Regina Vargas. **Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na Contemporaneidade**. Revista de Psicologia da UNESP, 2009, 8(2), 110-117. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/10932615-Sujeito-subjetividade-e-modos-de-subjetivacao-na-contemporaneidade.html>>. Acesso em: 12 out. 2016.

OLIVEIRA, Gilberto Benedito de. **Cuidado de si e hermenêutica do sujeito em Michel Foucault**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011. Programa de Pós Graduação em filosofia, Mestrado. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/16495/1/GilbertoBO DISSERT.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2016.

SACEANU, Patrícia. **O estranho e seus destinos**. Rio de Janeiro: UFRJ / Instituto de Psicologia / Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, 2001. VIII, 124 fls. Disponível em: <<http://teopsic.psicologia.ufrj.br/arquivos/documentos/A580EC1F52416204F942981734514657.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2016.

SANTOS, Franciele M. S. dos. **Polícias Públicas, Gênero e sexualidade: Educação Sexual e Direitos Humanos**. Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas, ISSN 2177-8248 Universidade Estadual de Londrina, 2010. P. 65-77. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/6.FrancieleSantos.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2016.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Racismo e antirracismo: a categoria raça em questão**. Rev. psicol. polít., São Paulo, v. 10, n. 19, p. 41-55, jan. 2010. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2010000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2010000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 04 nov. 2016.

SCOTT, Joan Wallach. **Deconstructing Equality-versus-Difference: or the uses of Poststructuralist Theory for Feminism**. *Feminist Studies*, 14 (1), 1988, Spring: 32-50. Disponível em: <<https://programadssrr.files.wordpress.com/2013/05/deconstructing-equality-versus-difference-or-the-uses-of-poststructuralist-theory-for-feminism.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

SCOZ, Beatriz Judith Lima. **Subjetividade de professoras/es: sentidos do aprender e do ensinar**. *Psicol. educ.*, São Paulo, n. 26, p. 05-27, jun. 2008. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752008000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752008000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 29 out. 2016.

SENDAK, Maurice Bernard. **Onde vivem os monstros?** 1ª ed., Cosac Naify, 2009. 48 pgs. São Paulo. Disponível em: <[http://minhateca.com.br/mylla\\_007/Onde+Vivem+os+Monstros+-+Maurice+Sendak,9661064.pdf](http://minhateca.com.br/mylla_007/Onde+Vivem+os+Monstros+-+Maurice+Sendak,9661064.pdf)>. Acesso em: 06 nov. 2016.

SENKEVICS, Adriano. **Estudar as relações de gênero é realmente importante?**.

Blog Ensaios de Gênero. 2012. Disponível em: <<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/07/11/estudar-as-relacoes-de-genero-e-realmente-importante/>>. Acesso em: 05 jun. 2016.

TUNES, Elizabeth; TACCA, Maria Carmem V. C; JÚNIOR, Roberto dos Santos B. **O Professor e o ato de ensinar**. Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 126, p. 689-698, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n126/a08n126.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2016.

WELTER, Tania; CANDIDO, Fernando. **Gênero, Diversidade Sexual e Religião**. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / Departamento de Antropologia / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015. Livro didático. Inclui bibliografia Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, modalidade a Distância. 1. Gênero. 2. Diversidade Sexual. 3. Religiosidades. Disponível em: <[https://ead2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/65462/mod\\_resource/content/4/Genero%20e%20religiao%20unidade%201%20GDE.pdf](https://ead2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/65462/mod_resource/content/4/Genero%20e%20religiao%20unidade%201%20GDE.pdf)>. Acesso em: 02 nov. 2016.

WOLFF, Cristina Scheibe; SILVA, Janine Gomes da; PEDRO, Joana Maria. **Gênero: um conceito importante para o conhecimento do mundo social**. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / Departamento de Antropologia / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015. Livro didático. Inclui bibliografia Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, modalidade a Distância. 1. Gênero. 2. Feminismos. 3. Categoria gênero. 4. História e feminismo. Disponível em: <[https://ead2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/60233/mod\\_resource/content/2/Genero%20Unidade%201.pdf](https://ead2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/60233/mod_resource/content/2/Genero%20Unidade%201.pdf)>. Acesso em: 02 nov. 2016.

## APÊNDICE

No apêndice estão contidas cópias dos materiais formulados pela pesquisadora e utilizados no desenvolvimento do projeto. Assim, o apêndice 1 trás o roteiro utilizado na entrevista que foi realizada com as/o cursistas. O apêndice 2 apresenta o termo de consentimento livre e esclarecido, que contém dados acerca da pesquisa e assegura os direitos dos participantes.

## APÊNDICE 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

### **1ª Parte (dados sociológicos)**

Local: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Nome completo/Idade: \_\_\_\_\_

Naturalidade/Nacionalidade/Descendência: \_\_\_\_\_

Raça/Etnia: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_

Filiação/irmãos (idades): \_\_\_\_\_

Nível de escolaridade e trabalho dos pais/idade: \_\_\_\_\_

Estado civil/ filhos/as: \_\_\_\_\_

Escolaridade e trabalho do/a cônjuge e idade: \_\_\_\_\_

Profissão do/a entrevistado/a: \_\_\_\_\_

Atuação do/a entrevistado/a: \_\_\_\_\_

### **2ª Parte (Entrevista aberta)**

1. Fale sobre você, sua escolha profissional, e suas experiências de trabalho (trabalho docente).
2. Fale sobre suas percepções acerca do espaço que atua colegas, estudantes, corpo administrativo, pais.
3. Porque escolheu a Especialização, o que lhe interessou na temática?
4. Fale sobre suas percepções ao longo do curso, qual temática mais lhe impactou?
5. Percebe transformações em sua prática? Quais? Associa elas a especialização?
6. Você vivenciou obstáculos, dificuldades, desafios para realizar o curso. Quais?
7. Percebe transformações no âmbito pessoal após os estudos das temáticas gênero/diversidade/raça/etnia, e outras. Quais?
8. Percebe questões pessoais, (subjetivas?) que podem “lhe atrapalhar” no trato com os discentes? (dificuldades em alguma temática, por exemplo, limites e crenças pessoais, etc.?). (Sem direcionar, questão aberta).
9. Por fim, gostaria de falar algo sobre o curso, suas experiências, partilhar impressões gerais, etc.?



## APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_ *Nacionalidade* \_\_\_\_\_ *idade*  
\_\_\_\_\_ *Estado civil* \_\_\_\_\_ *profissão* \_\_\_\_\_;

Estou sendo convidado/a a participar de um estudo denominado “Onde vivem os monstros? Formação e subjetividade no curso de especialização em Gênero e Diversidade na Escola”, cujos objetivos e justificativas são: Pesquisar se os cursistas EaD do Polo Concórdia que realizaram a Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, vivenciaram transformações subjetivas em relação aos temas estudados e quais dessas transformações creditam ao curso realizado.

Minha participação no referido estudo consistirá em conceder entrevista, que será gravada para posterior transcrição pela pesquisadora, com a garantia de preservar meu anonimato. Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Estou ciente de que não devo correr qualquer risco decorrente da pesquisa e se houver algum desconforto em relação a ela, posso interromper minha participação na mesma. Assim, também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de que o desligar-me da pesquisa, não me acarretará qualquer prejuízo acadêmico ou pessoal. Foi-me esclarecido, igualmente, que posso optar por métodos alternativos, como participar das entrevistas por e-mail, Skype ou telefone.

As pesquisadoras responsáveis pelo referido projeto são: Rosana Maria Schwerz, discente do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola ministrado pelo Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina (IEG/UFSC) e a Professora Dra. Mara Coelho de Souza Lago, sua orientadora, com as poderei manter contato pelos telefones: (49) 9 9129-1219 e (49) 9 9803-4524, a primeira; e (48) 9 9960-1695, a segunda.

Fui cientificado/a que me será assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me será garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Tendo sido orientado/a quanto ao teor de tudo que aqui foi mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar por minha participação.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para 55 48 3721-6440, ou mandar um e-mail para gdeufsc2015@gmail.com.

Concórdia, \_\_ de \_\_ 2016.

---

*Nome e assinatura do sujeito da pesquisa*

---

*Nome e assinatura da pesquisadora responsável*